

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Letras  
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos  
Área de Linguística Aplicada

**O LUGAR DOS PROVÉRBIOS NO ENSINO DE LÍNGUA  
PORTUGUESA: uma análise do livro didático de Português do Ensino  
Fundamental II**

Ana Paula Gonçalves Santos

Belo Horizonte  
2013

Ana Paula Gonçalves Santos

**O LUGAR DOS PROVÉRBIOS NO ENSINO DE LÍNGUA  
PORTUGUESA: uma análise do livro didático de Português do Ensino  
Fundamental II**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Ensino de Português

Orientador: Prof. Dr. Aderlande Pereira Ferraz

Belo Horizonte  
2013

S2371

Santos, Ana Paula Gonçalves.

O lugar dos provérbios no ensino da língua portuguesa [manuscrito] : uma análise do livro didático de Português do Ensino Fundamental II / Ana Paula Gonçalves Santos. – 2013. 102 f., enc. : il.

Orientador: Aderlande Pereira Ferraz.

Área de concentração: Lingüística Aplicada.

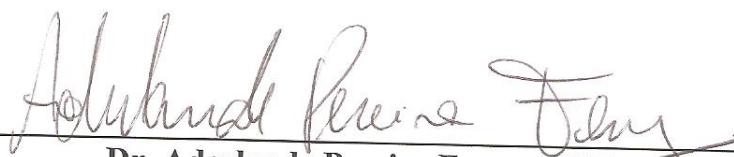
Linha de pesquisa: Ensino de Português.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 100-102.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 2. Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. 3. Língua portuguesa – Fraseologia – Teses. 4. Livros didáticos – Avaliação – Teses. 5. Provérbios brasileiros – Teses. I. Ferraz, Aderlande Pereira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

Dissertação intitulada *O lugar dos provérbios no ensino de língua portuguesa: uma análise do livro didático de português do ensino fundamental II*, defendida por ANA PAULA GONÇALVES SANTOS em 04/03/2013 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:



**Dr. Aderlande Pereira Ferraz - UFMG**  
Orientador



**Dr. Cláudio César Henriques - UERJ**



**Dra. Delaine Cafiero Bicalho - UFMG**

Aos meus alunos,  
minha grande inspiração para este trabalho.

## **Agradecimentos**

Ao Pai, pela proteção, pela minha saúde, pela minha vida e por me cercar sempre de pessoas tão especiais.

Aos meus pais, minha base. Pelos ensinamentos de valores e por me incentivarem e confiarem ao investir nos meus estudos, não medindo esforços.

Ao Norton, pelo companheirismo e amor e por vibrar comigo a cada nova conquista.

Ao Professor Doutor Aderlande Pereira Ferraz, pela atenção, pelo incentivo e pelo aprendizado.

Aos meus colegas de pesquisa Aline Luiza Cunha, Fabiana Souza, Ruy Morato, Geraldo Liska, Renise Santos, Priscila de Resende, Bárbara de Paula, Raquel Rezende e Maryelle Cordeiro, pelas trocas tão significativas, pelos conselhos e pela amizade.

Aos meus alunos, minha grande fonte de inspiração para este trabalho.

A minha família e amigos pela torcida e energia positiva.

Aos professores que contribuíram de forma significativa para o meu crescimento.

À Professora Doutora Delaine Cafiero Bicalho, à Professora Doutora Maria Cândida Trindade Seabra e ao Professor Doutor Cláudio César Henriques por aceitarem o convite para compor a banca examinadora.

*Sob a pele das palavras há cifras e códigos.*

Carlos Drummond de Andrade

## RESUMO

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, tem por objetivo analisar o trabalho com provérbios na coleção *Português: uma proposta para o letramento*. A análise, feita com o propósito de favorecer o desenvolvimento da competência lexical, considerou aspectos como a escolha lexical, o valor semântico dos provérbios a partir do grau de conotatividade, o conceito de provérbio e a diferenciação deste dos demais fraseologismos. Foram apresentadas considerações sobre Lexicologia e Fraseologia, a partir das quais mostramos os campos de estudo do léxico, bem como as principais características das unidades fraseológicas, principalmente dos provérbios. Questões sobre o ensino de Língua Portuguesa foram, também, essenciais para este trabalho, uma vez que o estudo dos provérbios, como parte do léxico e também como recurso linguístico de grande poder persuasivo, é um importante aspecto a ser trabalhado em sala de aula. Apesar da presença desses enunciados em diversos discursos e de toda a mudança na concepção de língua, trazida pelas ciências linguísticas no fim do século XX, e suas contribuições para o ensino, os provérbios encontram-se ainda à margem do ensino de Língua Portuguesa. A metodologia utilizada no trabalho aproveita o suporte teórico da Lexicologia, através de importantes autores como Corpas Pastor (1996) e Xatara & Succi (2008), assim como da Linguística, com autores como Antunes (2012) e Batista (2003). Fica evidente, a partir da pesquisa, a forte presença dos provérbios em diferentes gêneros de textos em circulação, como músicas, anúncios publicitários, tirinhas e textos literários, o que reforça a ideia da importância de se trabalhar os provérbios em sala de aula.

Palavras-Chave: Provérbios; ensino de língua portuguesa; livro didático; competência lexical.

## ABSTRACT

This qualitative research aims to analyze the work with proverbs in the collection *Português: uma proposta para o letramento*. The analysis, was done from the perspective of lexical competence, considered aspects such as lexical choice, the semantic value of proverbs from the degree of connotation, the concept of proverb and the differences between the proverb and other phraseological expressions. Considerations were presented on Lexicology and Phraseology, from which we show the fields of study of the lexicon as well as the main features of phraseological units, mainly of proverbs. Questions about the teaching of Portuguese were also essential for this work, since the study of proverbs, as part of the lexicon as well as linguistic resource of great persuasive power, is a n important aspect to be worked into the classroom. Despite the presence of these statements in various speeches and any change in the conception of language, brought by the linguistic sciences in the late twentieth century, and its contributions to education, proverbs are still outside the teaching of the Portuguese language. It is evident from this research, the strong presence of proverbs in different genres of texts in circulation, such as music, advertising, comics and literary texts, which reinforces the idea of the importance of working proverbs classroom.

Keywords: Proverbs, teaching Portuguese; textbook; lexical competence.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: As ciências do léxico: uma interseção .....	15
Figura 2: Anúncio publicitário cão .....	29
Figura 3: Anúncio publicitário gato .....	29
Figura 4: Anúncio publicitário pássaros .....	30
Figura 5: Anúncio publicitário Wet'n Wild .....	31
Figura 6: Anúncio publicitário Devassa Aqui se faz, aqui se bebe .....	32
Figura 7: Anúncio publicitário Devassa Aqui se faz, aqui se lê .....	32
Figura 8: Anúncio publicitário Rádio Maringá .....	33
Figura 9: Gráfico Coleções selecionadas PNLD 2011 .....	42
Figura 10: Gráfico Títulos analisados PNLD 1997-2000 .....	46
Figura 11: Questão 109 ENEM 2012 .....	51
Figura 12: Questão 126 ENEM 2012 .....	52
Figura 13: Atividade ensino do léxico .....	55
Figura 14: Conteúdo Léxico CBC .....	58
Figura 15: Conteúdo Neologia CBC .....	58
Figura 16: Atividade Ditos e Ditados .....	61
Figura 17: Conceito provérbio LDP .....	70
Figura 18: Provérbios LDP 7º ano .....	70
Figura 19: Provérbios modernizados – Millor Fernandes LDP 7º .....	71
Figura 20: Atividade 1 LDP 7º ano .....	72
Figura 21: Provérbios roupaagem nova – Millor Fernandes LDP 7º ano .....	73
Figura 22: Atividade 2 LDP 7º ano .....	75
Figura 23: Atividade 3 LDP 7º ano .....	76
Figura 24: Atividade 4 LDP 7º ano .....	77
Figura 25: Atividade 4 LDP 7º ano .....	79
Figura 26: Atividade 5 LDP 7º ano .....	80
Figura 27: Atividade 6 LDP 7º ano .....	82
Figura 28: Atividade 7 LDP 7º ano .....	83
Figura 29: Significados dos provérbios LDP 9º ano .....	84
Figura 30: Atividade 1 LDP 9ºano .....	85
Figura 31: Tirinha Turma da Mônica 1 .....	90
Figura 32: Tirinha Turma da Mônica 2 .....	94

## **LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS**

**ANPOLL – Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisa em Letras e Linguística**

**CBC - Currículo Básico Comum**

**EI - Expressão idiomática**

**ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio**

**FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**

**GTLex – Grupo de trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**

**LDP - Livro didático de Português**

**MEC - Ministério da Educação e Cultura**

**PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais**

**PISA - Programa Internacional de Avaliação de Alunos**

**PNLD - Programa Nacional do Livro Didático**

**SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica**

**UF - Unidade Fraseológica**

**UFS - Unidades Fraseológicas**

**URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>14</b>
<b>OS PROVÉRBIOS E AS CIÊNCIAS DO LÉXICO</b> .....	<b>14</b>
<b>1.1. As ciências do léxico</b> .....	<b>14</b>
<b>1.2. Caracterização das unidades fraseológicas</b> .....	<b>17</b>
<b>1.3. Classificação das unidades fraseológicas</b> .....	<b>19</b>
<b>1.3.1. As colocações</b> .....	<b>19</b>
<b>1.3.2. As expressões idiomáticas</b> .....	<b>19</b>
<b>1.3.3. Os enunciados fraseológicos</b> .....	<b>20</b>
<b>1.4. Caracterização dos provérbios</b> .....	<b>20</b>
<b>1.5. As fórmulas rotineiras</b> .....	<b>25</b>
<b>1.6. Outros fatores caracterizadores dos provérbios</b> .....	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO II</b> .....	<b>39</b>
<b>LÉXICO E ENSINO</b> .....	<b>39</b>
<b>2.1. Ensino de Língua Portuguesa e concepção de língua e linguagem</b> .....	<b>39</b>
<b>2.2. Avaliações e políticas públicas em educação</b> .....	<b>41</b>
<b>2.3. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)</b> .....	<b>42</b>
<b>2.4. Os Livros didáticos</b> .....	<b>44</b>
<b>2.5. Ensino do léxico</b> .....	<b>48</b>
<b>2.6. Livros didáticos e ensino do léxico</b> .....	<b>54</b>
<b>2.7. Ensino de vocabulário e ensino do léxico</b> .....	<b>57</b>
<b>2.8. Unidades fraseológicas e ensino do léxico</b> .....	<b>60</b>
<b>2.9. Competência lexical e competência discursiva</b> .....	<b>64</b>
<b>2.10. Os provérbios e o ensino do léxico</b> .....	<b>65</b>
<b>CAPÍTULO III</b> .....	<b>68</b>
<b>O LUGAR DOS PROVÉRBIOS NO LDP</b> .....	<b>68</b>
<b>3.1. A coleção</b> .....	<b>68</b>
<b>3.2. Análise das atividades da coleção</b> .....	<b>69</b>
<b>3.3. Propostas de atividades</b> .....	<b>87</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>100</b>

## INTRODUÇÃO

Os provérbios fazem parte do nosso folclore, da nossa cultura. Passados de geração para geração, ganham a simpatia do povo brasileiro e são consagrados por membros de comunidades linguísticas. Eles constituem unidades léxicas complexas, que fazem parte do léxico da língua.

Os provérbios são objetos de estudo da Fraseologia, por não constituírem uma sequência livre de itens lexicais, mas sim combinações fixas. É inegável a força dos provérbios não só no folclore, mas também em textos de diversos gêneros em circulação. Como parte do léxico e por constituir uma rica ferramenta discursiva, o estudo dos provérbios deve se fazer presente em sala de aula, durante as aulas de Língua Portuguesa, explorando sua forma, suas características e as possíveis situações de uso, tanto nos discursos formais, quanto nos informais.

Apesar da importância dessas unidades e da sua forte presença em textos de circulação, as práticas em sala de aula, em sua maioria, não contemplam o trabalho com provérbios e com os demais fraseologismos. O ensino de Língua Portuguesa parece começar a caminhar em direção a práticas voltadas para o desenvolvimento de habilidades em leitura e escrita, uma vez que esbarra em modelos de ensino que veem a língua apenas como um sistema, priorizando, dessa forma, um ensino reducionista, no qual a língua é confundida com a gramática, ou seja, o estudo da língua é entendido como o estudo apenas da gramática. Embora a gramática da língua seja essencial, não deve ser o único aspecto a ser estudado, pois uma língua não é constituída apenas de regras.

Mesmo com todo o desenvolvimento de pesquisas e de teorias a respeito da língua como discurso, as práticas em sala de aula demonstram haver uma grande distância entre teoria e prática. Muitos estudos que poderiam auxiliar na melhoria da qualidade do ensino das aulas de Língua Portuguesa não ultrapassam as paredes das Universidades. Algumas transformações no ensino podem ser notadas, mas podemos observar que as mudanças não ocorrem, ainda, de forma satisfatória. Muito tem de ser feito para alcançarmos bons resultados no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa.

É necessário que as práticas de ensino se voltem para o desenvolvimento de habilidades que visem à competência discursiva dos alunos, tomando-se a concepção de língua como discurso. Tais habilidades, portanto, tornam-se necessárias para que os alunos sejam capazes de compreender e produzir textos, tanto na modalidade oral, quanto na modalidade escrita da língua.

Um aspecto essencial para que se alcance a competência discursiva é o desenvolvimento da competência lexical. É necessário que o léxico seja trabalhado, proporcionando aos alunos uma melhor compreensão do funcionamento das unidades lexicais e suas regras. Importante também que sejam trabalhadas as unidades simples e as complexas, que é o caso das combinações fixas, ou seja, os fraseologismos.

A dificuldade em se conseguir alcançar esse ensino voltado para o léxico e para o desenvolvimento da competência lexical é marcada pelo fato de haver uma escassez de produção de trabalhos voltados para o ensino do léxico no Brasil. O estudo do léxico é pouco difundido e pesquisas referentes ao seu ensino aparecem em escalas ainda menores. Há grupos de pesquisa sobre o léxico em todo o Brasil, principalmente nas áreas de Lexicografia e Terminologia, porém são poucas as pesquisas voltadas para o ensino.

Passamos, no momento, por um período inicial nesses estudos. Quanto ao estudo dos fraseologismos, podemos afirmar que se o estudo do léxico começa a caminhar, o estudo da fraseologia está apenas engatinhando no Brasil. Encontramos muitos trabalhos referentes ao estudo dos fraseologismos no ensino de língua estrangeira, enquanto o estudo dessas unidades em língua materna não é tão comum, mesmo com toda sua importância. Também fora do Brasil, a atenção dada ao ensino dos fraseologismos se dá no âmbito do ensino de língua estrangeira. Há muita dificuldade em se encontrarem trabalhos referentes ao ensino dos fraseologismos em língua materna.

Se os estudos nessa área estão nesse estágio, não há como esperarmos grandes mudanças nas práticas em sala de aula no que se refere ao ensino do léxico e, principalmente, ao ensino dos fraseologismos. Para que as mudanças comecem a chegar às salas de aula, é necessária, primeiramente, uma reformulação na grade curricular dos cursos para formação de professores. A inclusão de disciplinas referentes ao léxico nas universidades brasileiras é fundamental para que se alcance, de forma adequada, o ensino do léxico e o desenvolvimento das competências lexicais, tão fundamentais para o bom desempenho dos alunos.

Este trabalho é mais um passo em busca do ensino de Língua Portuguesa voltado para o desenvolvimento de habilidades que tornam os alunos mais preparados para compreender e produzir textos orais e escritos e do ensino do léxico, que considera as suas unidades simples e complexas, além de suas regularidades, que podem ser tão bem exploradas a fim de que se desenvolvam habilidades importantes para um melhor domínio do léxico.

O capítulo 1 desta dissertação trata das questões do léxico e das unidades léxicas complexas, principalmente dos provérbios, por serem os fraseologismos de que trata esta pesquisa. São apresentadas as principais características dos fraseologismos em geral,

delimitando as fronteiras entre eles e os provérbios. Para tanto, contamos com as classificações referentes aos fraseologismos apresentadas por Corpas Pastor (1996).

No capítulo 2, há considerações sobre o ensino do léxico, passando por questões como políticas públicas em educação e os programas do governo que visam à melhoria do ensino de Língua Portuguesa nas escolas públicas, tomando-se a concepção de língua como discurso. As considerações apresentadas referem-se, principalmente, ao ensino do léxico, incluindo o trabalho com os fraseologismos.

O capítulo 3 constitui a análise da coleção *Português: uma proposta para o letramento*, da autora Magda Soares. A coleção é destinada aos anos finais do Ensino Fundamental, 6º ao 9º ano. A pesquisa procura analisar as atividades referentes ao trabalho com os provérbios presentes na coleção, com o propósito de contribuir para o desenvolvimento da competência lexical. Uma vez trabalhando com provérbios, a coleção apresenta atividades que levam em conta a diferença entre provérbios e outras formas de fraseologismos? A escolha dos provérbios utilizados pelos LDP é cuidadosa quanto à linguagem: menos ou mais elaborada/ menos ou mais contemporânea? Importa saber como a coleção apresenta tais atividades.

## CAPÍTULO I

### OS PROVÉRBIOS E AS CIÊNCIAS DO LÉXICO

#### 1.1. As ciências do léxico

Os provérbios, ao lado de outras unidades lexicais, fazem parte do léxico da língua. Para Correia (1999), o léxico de uma língua é caracterizado como:

o conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta as regras e os processos de construção das palavras. O léxico inclui, ainda, os elementos que usamos para construir novas palavras: prefixos, sufixos, radicais simples ou complexos. (CORREIA, 1999, p. 227)

O estudo do léxico é constituído de algumas disciplinas que se encarregam de determinados aspectos: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. A partir de uma adaptação de publicações na página do GTLex (Grupo de trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL – Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisa em Letras e Linguística), Henriques (2010) apresenta o seguinte conceito para Lexicologia:

...é uma disciplina que estuda o LÉXICO e a sua organização a partir de pontos de vistas diversos. Cada palavra remete a particularidades diversas relacionadas ao período histórico ou à região geográfica em que ocorre, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional. Desse modo, cabe à LEXICOLOGIA dizer cientificamente em seus variados níveis o que diz o LÉXICO, ou seja, a sua significação. Ao lexicólogo, especialista da área, incumbe levar a termo essa tarefa tão complexa sobre uma ou mais línguas. (HENRIQUES, 2010, p. 102)

Henriques (2010) expõe, também, a adaptação para o conceito de Lexicografia, a partir das publicações na página do GTLex:

...uma disciplina intimamente ligada à LEXICOLOGIA. Ela se ocupa da descrição do LÉXICO de uma ou mais línguas, a fim de produzir obras de referência, principalmente dicionários (em formato impresso ou eletrônico) e bases de dados lexicológicas. Dessa LEXICOGRAFIA PRÁTICA

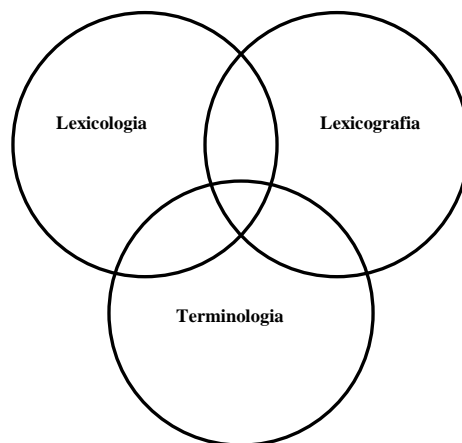
distingue-se a LEXICOGRAFIA TEÓRICA ou METALEXICOGRAFIA, que estuda todas as questões ligadas aos dicionários (história, problemas de elaboração, análise, uso). (HENRIQUES, 2010, p. 102)

Já a Terminologia constitui uma disciplina teórica e aplicada que se dedica ao estudo científico dos conceitos e respectivos termos considerados no seu funcionamento social pertencentes a áreas da experiência humana, conhecidos como termos técnicos. O termo é entendido como uma unidade lexical de vocabulários técnicos e científicos. A ciência da Terminologia pode ser dividida em:

- Terminologia teórica: conjunto de diretrizes e princípios que regem a compilação, formação de termos e estruturação de campos conceituais (ou nocionais);
- Terminologia concreta: conjunto de termos que representam sistemas de conceitos relacionados a uma língua de especialidade ou área de atividade particular.

Neste trabalho, o léxico será abordado na perspectiva da Lexicologia, embora seja possível observar que as ciências do léxico, a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia, estão interligadas e possuem certa relação com as outras, o que poderia ser ilustrado da seguinte forma:

**Figura 1: As ciências do léxico: uma interseção**



Ainda sobre léxico, Henriques (2010), a partir da adaptação de conceitos desenvolvidos pelo GTLE<sub>x</sub>, apresenta considerações importantes para o presente trabalho:

Léxico é o conjunto das palavras de uma língua, também chamadas de LEXIAS. As LEXIAS são unidades de características complexas cuja organização enunciativa é interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedece a certas combinações. Embora possa parecer um conjunto finito, o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos lexicólogos não seria capaz de enumerá-lo. Isto ocorre porque dele faz parte a totalidade das palavras, desde as preposições, conjunções ou interjeições, até os neologismos, passando pelas terminologias, pelas gírias, expressões idiomáticas e palavrões. (HENRIQUES, 2010, p. 101-102)

Sobre a interdependência de certas unidades e sobre suas combinações, Corpas Pastor (1996) afirma que nem todas as combinações de palavras são livres. Há uma grande quantidade de blocos pré-fabricados, utilizados na construção do discurso. Esses blocos de palavras, compostos por, no mínimo, duas palavras gráficas, são objetos de estudo da Fraseologia, que, segundo a mesma autora, é uma subdisciplina da Lexicologia.

Segundo a autora, a fraseologia é uma disciplina que se originou na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), na década de 50 do século XX. O precursor seria V.V. Vinogradov. Na mesma época, surge, também, um dos trabalhos mais importantes na Espanha, com Julio Casares. De acordo Corpas Pastor (1996) e a partir do que podemos observar a partir de trabalhos na área, pouco se avançou nos estudos da Fraseologia desde então.

Também nas obras lexicográficas, poucas mudanças podem ser percebidas no que diz respeito aos critérios de inclusão e classificação das unidades fraseológicas.

Corpas Pastor (1996), em sua obra *Manual de fraseologia española*, apresenta considerações importantes sobre as unidades fraseológicas e suas classificações.

Essa autora conceitua as unidades fraseológicas como:

...las *unidades fraseológicas* (UFS) – objeto de estudio de la fraseología – son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes; por su institucionalización, entendida en términos de fijación y especialización semántica; por su idiomática y variación potenciales; así como por el grado en el cual se

dan todos estos aspectos en los distintos tipos. (CORPAS PASTOR, 1996, p. 20)

## 1.2. Caracterização das unidades fraseológicas

Um dos principais problemas da Fraseologia são as classificações das unidades fraseológicas (UF) ou fraseologismos. Para Corpas Pastor (1996, p.: 17), a Fraseologia constitui o “conjunto de frases hechas, locuciones figuradas, metáforas y comparaciones fijadas, modismos y refranes, existentes en una lengua, en el uso individual o en el de algún grupo.”

Corpas Pastor (1996) enumera as principais características das unidades fraseológicas:

- Constam de ao menos duas palavras gráficas;
- Apresentam certo grau de lexicalização;
- Caracterizam-se pela alta frequência de coaparição na língua.

São apresentadas, ainda, as características linguísticas das unidades fraseológicas:

- Trata-se de uma expressão formada por várias palavras;
- Está institucionalizada;
- Estável em diversos níveis;
- Apresenta certa particularidade sintática e semântica;
- Possibilidade de variação de seus elementos integrantes, seja como variantes lexicalizadas ou na língua como modificações ocasionais em contextos.

Sobre a frequência podemos dizer que consiste na aparição da combinação dos elementos constituintes da unidade fraseológica. (Frequência de aparição) A frequência também está relacionada à aparição dessas combinações no discurso. (Frequência de uso). (BARKER & SORHUS apud CORPAS PASTOR, 1996, p.: 21)

Em relação à institucionalização, podemos destacar que a partir da repetição e do uso frequente das unidades fraseológicas, esta é convencionalizada e institucionalizada. Segundo TAGNIN apud VELLASCO, 1996: “uma forma linguística é convencionalizada

quando uma expressão passou a ter um significado diferente dos seus constituintes. São expressões fixas, cristalizadas e consagradas pelo uso, empregadas dentro de um determinado contexto.”

Chamamos de fixação e estabilidade a propriedade das UF de serem produzidas como expressões previamente feitas (ZULUGA apud CORPAS PASTOR, p. 23).

A idiomaticidade é uma propriedade semântica da UF. O significado global da UF não pode ser deduzido através do significado de cada um de seus elementos constitutivos. Tal significado, assim constituído, é considerado por Corpas Pastor (1996) um dos elementos essenciais de uma UF.

Há variações nas UF, pois sua fixidez é relativa, portanto alguns elementos podem ser substituídos, suprimidos ou acrescentados.

Outra propriedade importante é a gradação, que, segundo Zuluaga apud Corpas Pastor (1996, p. 31), se refere aos níveis de opacidade semântica, ou seja, ao grau de conotatividade da unidade fraseológica.

Segundo Succi (2006), há três critérios para se definir uma palavra: o fonológico, o gramatical e o semântico. Entretanto, essa convenção é questionada por linguistas por não atenderem as unidades compostas.

O critério fonológico não atingiria os níveis da entonação e da pronúncia. O critério gramatical entende que a palavra deve exercer uma função sintática e pertencer a uma classe gramatical.

Por um tempo, o critério semântico privilegiava a forma em detrimento do significado (mensagem global a ser transmitida). (KEMPSON apud SUCCI, 2006 p. 16)

Para o critério semântico, a palavra constitui unidade mínima de significação. Segundo a autora, o provérbio pode ser considerado uma unidade mínima de significação, pois abrange dois vetores: a forma plural, que diz respeito a sua constituição por um grupo de palavras e um só significado, que é a mensagem global a ser transmitida.

Moré apud Succi (2006, p. 16), destaca que há dois tipos de palavras:

- 1- as que se decompõem rapidamente depois de terem sido criadas e cujos elementos formativos têm a liberdade de entrar em novas combinações, e
- 2- as que por um motivo ou outro perdem completamente sua independência e só possuem aquele determinado sentido naquela determinada combinação. Estas últimas formam a categoria de unidades fraseológicas.

### 1.3. Classificação das unidades fraseológicas

Corpas Pastor (1996) sugere uma classificação para as UF. Ela subdivide as UF em três esferas: *Colocações*, *Locuções* e *Enunciados fraseológicos*, sendo esta última esfera dividida em duas, as parêmias (provérbios) e as fórmulas rotineiras.

#### 1.3.1. As colocações

Segundo Thun, Hausmann apud Copras Pastor (1996, p. 53), as colocações assim como as locuções, que chamamos de expressões idiomáticas, não constituem enunciados nem atos de falas por si mesmas. Já os enunciados fraseológicos, como as parêmias, que chamamos provérbios, estas sim, são atos de fala por si mesmas.

Segundo Copras Pastor (1996), as colocações são unidades estáveis, combinações pré-fabricadas, diferentes de sintagmas completamente livres. São exemplos de colocações: *chorar amargamente*, *redondamente enganado*, *chegar a um acordo*. A frequência de aparição dos elementos combinados é bastante alta.

#### 1.3.2. As expressões idiomáticas

Chamadas por Copras Pastor (1996) de locuções, as expressões idiomáticas são definidas por Casares apud Copras Pastor (1996, p. 88) como combinações estáveis de dois ou mais termos que funcionam como elementos oracionais e cujo sentido unitário não se justifica como a soma do significado normal dos componentes. São exemplos de expressões idiomáticas: *custar o olho da cara*, *mover céu e terra*, *chutar o balde*.

### 1.3.3. Os enunciados fraseológicos

Segundo Zuluaga apud Corpas Pastor (1996, p. 132), os enunciados fraseológicos "funcionan, pues, como secuencias autónomas de habla y, su enunciación se lleva a cabo en unidades de entonación distintas, en otras palabras, son unidades de comunicación mínimas."

Os enunciados fraseológicos são divididos por Corpas Pastor (1996) em dois grupos: provérbios e fórmulas rotineiras. Segundo a autora, as fórmulas rotineiras são determinadas por situações, circunstâncias concretas. Já os provérbios possuem autonomia textual.

### 1.4. Caracterização dos provérbios

No âmbito da Fraseologia, situamos a Paremiologia, que é a ciência que se atém ao estudo específico dos provérbios e dos enunciados sentenciosos cuja intenção é transmitir algum conhecimento tradicional baseado na experiência. O uso de provérbios na comunicação cotidiana remonta às culturas mais antigas da humanidade, como podemos notar pelo Livro dos Provérbios, atribuído ao rei Salomão e parte integrante da Bíblia Sagrada. No Brasil, o mais antigo trabalho sobre o assunto possivelmente seja o livro de Perestrelo da Câmara: Provérbios, Adágios, Rifãos, Anexins, Sentenças Morais e Idiotismo da Língua Portuguesa, publicado no Rio de Janeiro em 1848. É importante ressaltar também o trabalho de Archer Taylor, *The Proverb*, publicado em 1931 (Universidade da Califórnia, Berkeley), e considerado um marco na introdução ao campo paremiológico

Mas dizer exatamente o que é o provérbio não é tarefa tão simples. Há uma grande dificuldade de delimitação das unidades fraseológicas. Corpas Pastor (1996) traça algumas características dos provérbios, que os diferenciam das expressões idiomáticas (loquções):

- a) oferecem um alto grau de generalidade;
- b) os provérbios constituem enunciados introduzidos como tais no discurso e não permitem trocas, salvo as questões de concordância;
- c) os provérbios são unidades de fala, enquanto as expressões idiomáticas (EI) fazem parte do sistema da língua.

A característica dos provérbios que os diferencia facilmente das EI é a questão de constituir um enunciado completo no discurso. Diferentemente das EI, os provérbios dispensam sujeitos, por exemplo. Em ‘custar os olhos da cara’, o enunciado não aparece completo. É necessária a inserção de um elemento, um sujeito, além da conjugação do verbo. Poderia ser completada, desta forma “Esse carro custou os olhos da cara.”

O provérbio, por sua vez, é introduzido no discurso como um enunciado completo, como em “Quem não tem cão caça com gato.”

Para Corpas Pastor (1996), o termo ‘parêmia’ é sinônimo de provérbio (refrán) e hiperônimo dos outros tipos da categoria, como as citações e os slogans.

Arnaud apud Corpas Pastor (1996, p. 136) propõe cinco critérios para se chegar ao que ele denomina ‘proverbes’:

- a) lexicalização;
- b) autonomia sintática;
- c) autonomia textual;
- d) valor de verdade geral;
- e) caráter anônimo.

O critério da lexicalização é o primeiro requisito e está presente em toda unidade fraseológica, não sendo, portanto, uma característica exclusiva dos provérbios. A unidade fraseológica só faz sentido a partir da combinação dos elementos que a constituem. Se tomarmos como exemplo a construção proverbial “Galinha que acompanha pato morre afogada” e somarmos o significado de cada uma de suas unidades lexicais não chegaremos ao significado do provérbio. O seu significado só pode ser compreendido a partir de uma interdependência entre as unidades lexicais que o compõem. Os provérbios são, portanto, construções lexicalizadas.

A autonomia sintática diz respeito ao fato de as unidades da terceira esfera, ou seja, os enunciados fraseológicos, não necessitarem de se combinar com os outros elementos do discurso.

A autonomia textual é a característica que distingue os provérbios das fórmulas rotineiras, que dependem da situação, da circunstância. A autonomia textual proporciona aos provérbios a possibilidade de funcionar como enunciado completo, com caráter de texto. Vellasco (1996) considera a característica de autonomia textual dos provérbios:

Os provérbios podem ocorrer como textos por si mesmos e não apenas em textos amplos. Além de serem antologizados como pequenos e discretos textos, os provérbios ocorrem como textos completos, como nos slogans e inscrições em edificações, acompanhando figuras em *cartoons*, propagandas, etcetera. [...] Assim, o estudo dos provérbios como texto está preliminarmente justificado ou é um passo em direção à análise dos provérbios em textos e interações.

O caráter de verdade geral também é um dos critérios para se reconhecer os provérbios, embora seja uma questão discutível. Os provérbios possuem esse caráter de verdade geral por serem cristalizados e institucionalizados. Ao se dizer um provérbio, o enunciado toma uma forma de verdade absoluta, já que aquilo que é expresso é compartilhado pelos membros de uma comunidade linguística.

Outra característica que também diferencia os provérbios dos demais fraseologismos é o seu caráter anônimo. As citações, por exemplo, têm uma origem conhecida, enquanto o anonimato acompanha os provérbios. Além dessa característica que distingue os provérbios das citações, há também o fato de que as citações apresentam um conteúdo denotativo. Uma exceção quanto ao caráter anônimo dos provérbios é o Livro dos Provérbios, encontrado no Novo Testamento, no qual a autoria dos provérbios é atribuída ao Rei Salomão, como afirma Vellasco (1996).

Combet apud Corpas Pastor (1996, p. 150) conceitua provérbio como “uma frase independente, anônima e popular que, em forma elíptica, direta ou preferencialmente figurada, expressa poeticamente, um ensinamento, um conselho moral ou um conselho prático.”

Alguns exemplos dados por Corpas Pastor (1996):

A ocasião faz o ladrão

Gato escaldado tem medo de água fria,

Quem não chora não mama.

A autora reforça a ideia da dificuldade de delimitação dos subtipos de provérbios. Há uma confusão quanto à denominação dos provérbios, que por vezes são confundidos com máxima, adágio, aforismo, apotegma, sentença, que são colocados por Corpas Pastor (1996) como subclasses dos provérbios. Essa dificuldade de delimitação e conceituação das unidades fraseológicas é também apresentada por Succi (2006) e por Bragança Jr. (1999), em seu

trabalho intitulado *Considerações acerca da fraseologia, sua conceituação e aplicabilidade na Idade Média*, no qual afirma:

Essas “frases ou locuções de uma língua” recebem uma classificação tipológica que normalmente não consegue delimitar suas características formais e contedísticas básicas, pelo contrário, muitas vezes associando-as praticamente como sinônimos.

Segundo Xatara & Succi (2008), o provérbio constitui em:

“...uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar.” (XATARA & SUCCI, 2008 p. 35)

Compartilhando da mesma ideia de Corpas Pastor (1996) no que diz respeito às subclasses das parêmiias, Vellasco apud Succi (2006, p. 30) propõe:

... a inviabilidade de se chegar a uma definição geral de provérbio decorre do fato de que não se pode trazer todos os vários tipos desta forma concisa para uma só categoria: um provérbio não reúne todas as características atribuídas aos provérbios como um todo. Os provérbios devem ser encarados como uma classe geral, em analogia aos substantivos, por exemplo, com subclasses.

Segundo Corpas Pastor (1996), os parâmetros utilizados para classificar os provérbios como unidades literais ou metafóricas não são suficientes para dar conta dos significados dos provérbios. Segundo a autora, esses parâmetros não contemplam aspectos como a relação entre essas unidades e o pensamento simbólico ou sua interpretação padrão.

Lakoff apud Corpas Pastor (1996), afirma que os provérbios, assim como as expressões idiomáticas, revelam princípios de motivação metafórica baseados nas figuras e imagens convencionais, cuja validade é reconhecida por toda comunidade linguística. A tradução desses provérbios provém de mecanismos transpositores que operam do concreto para o abstrato, daí a plasticidade e o caráter figurativo de muitos provérbios.

Os provérbios têm também, segundo Corpas Pastor (1996), uma relação com os princípios de motivação semântica relativos aos sistemas de crenças, os mitos e a sabedoria popular. Os provérbios, assim como os mitos, proporcionam, por analogia, uma forma de captar realidades que resultariam escurecidas e difíceis de aprender. São verdades gerais, que remetem a situações passadas, às quais se fazem referência. A sabedoria popular se expressa através do aspecto de verdade geral e também da atemporalidade, que pode ser percebida a partir da estrutura sintática de muitos provérbios.

Corpas Pastor (1996), sobre a interpretação padrão (estándar) ou significado básico dos provérbios, afirma que os provérbios nunca são interpretados de forma literal e também não podem ser compreendidos a partir da soma dos significados dos seus componentes. Segundo a autora, a compreensão do significado padrão dos provérbios depende exclusivamente da competência do falante. E a interpretação do provérbio no discurso depende, ainda, de outros fatores, tais como fatores contextuais, ativação de mecanismos de inferência baseados no conhecimento enciclopédico dos falantes, reconhecimento da intenção comunicativa do falante, etc. Citando Grzybek (1992), ela afirma que a indeterminação semântica das unidades permite fazer referência a vários temas. E citando também Günthner (1991), ela afirma, também, que o falante, ao empregar um provérbio, decodifica seu caráter metafórico para aplicá-lo ao tema em questão.

Um mesmo provérbio pode ser utilizado em diferentes situações, as quais modulam seu significado básico. Esse processo se dá da seguinte forma, tomando-se o exemplo de Corpas Pastor (1996) para o provérbio “Rei morto, rei posto” (Rey muerto, rey puesto):

- Primeiro nível semântico: a interpretação faz referência à sucessão das monarquias.
- Segundo nível semântico: seu significado básico relaciona-se a um processo de generalização e abstração da unidade. Nesse caso, pode-se pensar em um lugar que fica vazio e é ocupado por outra pessoa.
- Terceiro nível semântico: a interpretação se refina e se concretiza no contexto. Então a apreensão do significado global do provérbio no discurso varia, segundo as circunstâncias de emissão da unidade.

### 1.5. As fórmulas rotineiras

Os provérbios dividem a terceira esfera da classificação de Corpas Pastor (1996), onde se encontram os enunciados fraseológicos, com as fórmulas rotineiras. Ambos possuem caráter de enunciado, embora somente os provérbios possuam autonomia textual. A utilização das fórmulas rotineiras está diretamente relacionada a situações comunicativas precisas.

Coulmas apud Corpas Pastor (1996, p. 171) afirma “Las fórmulas rutinarias son expresiones cuya aparición está estrechamente ligada a determinadas situaciones sociales, a partir de las cuales resultan altamente predecibles en el transcurso de un acto comunicativo.”

Coulmas apud Corpas Pastor (1996, p. 175) divide em dois grupos as fórmulas rotineiras: as de esfera marginal de interação, que seriam as saudações, as despedidas, as apresentações, etc; e as semi-ritualizadas, que seriam as petições, os pedidos de desculpas, as felicitações, etc.

Alguns exemplos dados por Corpas Pastor (1996) de fórmulas rotineiras seriam “Até mais ver”, “Não é para tanto”, “Valha-me, Deus”, “Era só o que faltava”.

### 1.6. Outros fatores caracterizadores dos provérbios

Succi (2006), na tentativa de delimitação dos provérbios, traz conceitos de fraseologismos como anexins, adágios, ditados, ditos, expressões idiomáticas, que para Corpas Pastor (1996) se enquadrariam como unidades fraseológicas de outras esferas ou subclasses dos provérbios. Succi (2006) busca conceitos em dicionários gerais da língua, como Houaiss (2008) e Michaelis (1998) e também em trabalhos de autores como Bragança Jr. (2003), Vellasco (1996) e Xatara (1990). A autora mostra que os conceitos encontrados se confundem, tornando difícil a tarefa de delimitação.

Succi (2006) propõe alguns critérios que caracterizam os provérbios:

- Frequência: esse critério, já apresentado por Corpas Pastor (1996) constitui a repetição de tais unidades fraseológicas e é um fator importante para que a unidade seja consagrada por uma comunidade linguística.

- **Lexicalização:** assim como a frequência, esse critério já havia sido apresentado pode ser calculado a partir da soma dos significados isolados de cada um dos elementos que o compõem. Em “Galinha que acompanha pato morre afogada”, por exemplo, se tomarmos a soma do significado de cada elemento, não chegaremos ao significado do provérbio. É a combinação dos elementos que proporcionará o sentido dessa unidade fraseológica.
- **Origem:** Succi (2006: 34) afirma que a origem dos provérbios não pode ser precisamente datada devido a fatores como a perda de documentação através do tempo, a falta de arquivos, pelo fato de pertencerem a uma tradição oral. O que se pode afirmar é que sua existência tem origem muito remota e o anonimato também dificulta o reconhecimento de sua origem. A autora salienta que os provérbios religiosos foram criados por autores conhecidos e no decorrer dos séculos perderam a autoria e caíram em domínio público. Quanto a essa autoria, o que encontramos na Bíblia Sagrada são referências ora a Salomão, ora a Agur, ora a Lamuel, ora aos “sábios”.
- **Cristalização do passado:** Succi (2006) defende ser o provérbio um discurso cristalizado do passado, que tem seu contexto de produção apagado e mantém-se vivo no presente. Os provérbios mostram que o homem pouco evoluiu na questão de sentimentos, conflitos e guerras, uniões. A autora acrescenta que essas experiências fazem parte do cotidiano de todas as épocas e culturas. Alguns provérbios, inclusive, conservam palavras que não mais estão em uso e isso confere a eles um caráter de sabedoria ancestral.
- **Tradição:** por fazerem parte do folclore, da cultura de um povo, os provérbios são símbolos de tradição, das experiências de um povo, assim como as lendas, as músicas. A forma como é transmitido, de geração para geração, é também um exemplo da força da tradição presente nesses enunciados.
- **Universalidade:** outra característica apontada por Succi (2006) é a universalidade do provérbio. Eles são perfeitamente adaptáveis aos países e às culturas. A dificuldade de saber ao certo onde se originou talvez se dê por esse aspecto. Um mesmo provérbio

pode ter correspondentes em diversas línguas, apesar de alguns refletirem uma cultura específica, como no exemplo dado por Succi (2006, p. 37): “Quem não gosta de samba é ruim da cabeça ou doente do pé”, que caracteriza um aspecto cultural do Brasil, o samba.

- Função de eufemismo: o provérbio pode ser utilizado no discurso como uma estratégia para dizer de uma forma indireta algo desagradável. Sobre a função eufemística do provérbio, Xatara & Succi (2008) tecem algumas considerações:

“O provérbio, por vezes, comporta uma sentença enigmática, apresentando-se como uma palavra que vale por outra, muitas vezes empregado como uma forma indireta de dizer algo desagradável. Assim, numa situação em que o indivíduo A se propõe a fazer algo que B é contra, este pode se utilizar do provérbio “Quem avisa amigo é”, por exemplo, que na verdade mascara uma forma direta de dizer simplesmente “Não faça isso, as consequências não serão agradáveis.”

Ao se utilizar um provérbio, tomando sua função como eufemismo, deixa-se de utilizar outros enunciados, que trariam talvez outros sentidos, muitas vezes indesejáveis ou desagradáveis para determinadas situações discursivas. O provérbio: “Se a palavra vale prata, o silêncio vale ouro” pode ser utilizado em determinadas situações enunciativas, com determinados interlocutores, quando ‘não se pode dizer’ “Fique quieto”, “Fique calado”. O provérbio “Galinha que acompanha pato morre afogada”, por sua vez, pode ser utilizado no lugar de “Não faça como ele(a), pois você vai se dar mal”. Já o provérbio “Cada cabeça uma sentença” pode ser utilizado no lugar de “Respeite a opinião dos outros”. Observando os exemplos, percebe-se que a escolha pelo provérbio se dá pelo fato de este tipo de enunciado tornar mais delicado “o dizer”.

- Autoridade: pelo fato de o provérbio representar uma sabedoria universal, uma verdade absoluta, compartilhada por uma comunidade linguística, quem o utiliza mostra-se em uma condição de igualdade ou superioridade para com o interlocutor. Os provérbios sempre estiveram, também, relacionados à sabedoria. Zavaglia (2010, p. 113) ressalta: “Dizem que os provérbios caracterizam a sabedoria dos povos e que toda pessoa instruída os emprega várias vezes, e muito bem, em suas falas.” Essa relação com a sabedoria proporciona ainda mais autoridade ao provérbio. Ao utilizar o

provérbio o enunciador, apesar de concordar com o que se está sendo dito, distancia-se do que é dito pelo fato de o provérbio ser uma ideia não só dele, mas de toda uma comunidade que o compartilha.

- Polifonia: a polifonia constitui também um dos aspectos caracterizadores dos provérbios, uma vez que pode haver uma pluralidade de vozes em um mesmo provérbio. O provérbio é um discurso persuasivo e representa a voz da coletividade. Segundo Succi (2006), o provérbio pode falar por instituições e por grupos sociais.
- Ideologia: Succi (2006, p. 40) afirma que o provérbio é ideológico. Sua ideologia muitas vezes possui um caráter maniqueísta, fazendo oposição entre o bem e o mal, o certo e o errado. Podem trazer ideias racistas e machistas, muitas vezes implícitas, como no exemplo apresentado por Succi (2006, p. 41): “Galinha preta põe ovo branco”. Com criatividade e humor, que também são aspectos que serão explicados mais a frente, muitos anúncios trazem provérbios, repletos de ideologia, com a intenção de persuadir.
- Improvérbio: é um tipo de paródia feita com os provérbios. São feitas alterações de nível sintático e semântico, de forma a modificar a mensagem, desfazendo a verdade trazida pelo provérbio. Uma música de Chico Buarque de Holanda, “Bom conselho”, é citada por Succi (2006) para ilustrar os improvérbios:

Ouçã um bom conselho/Que eu lhe dou de graça/Inútil dormir que a dor não passa/ Espere sentado/Ou você se cansa/Está provado, quem espera nunca alcança/Venha, meu amigo/Deixe esse regaço/Brinque com meu fogo/Venha se queimar/Faça como eu digo/Faça como eu faço/Aja duas vezes antes de pensar/Corro atrás do tempo/Vim de não sei onde/Devagar é que não se vai longe/Eu semeio o vento/Na minha cidade/Vou pra rua e bebo a tempestade

Disponível em <http://letras.mus.br/chico-buarque/85939/> acesso em fevereiro de 2013.

Succi (2006) salienta que podemos resgatar, a partir da música, oito provérbios desfeitos: “Se conselho fosse bom ninguém dava”, “Quem espera sempre alcança”, “Quem brinca com fogo se queima”, “Faça o que eu digo, não faça o que eu faço”, “Pense duas vezes

antes de agir”, “O tempo não volta atrás”, “Devagar se vai ao longe” e “Quem semeia vento colhe tempestade”.

Encontramos alguns provérbios em anúncios, como nos exemplos abaixo, retirados de um site, em que se defende a proteção dos animais. Há uma ideologia por trás dos anúncios, que faz parte do que defendem os ‘vegans’, que são pessoas que se posicionam contra qualquer tipo de exploração dos animais.

**Figura 2: Anúncio publicitário cão**

**Fonte: Clube do vista-se – Disponível em <http://vista-se.com.br/redesocial/novos-proverbios-populares-novosproverbiospopulares/> acesso em fevereiro de 2013.**



No anúncio acima foram inseridas unidades ao provérbio “Cão que ladra não morde” com a intenção de mostrar a importância do carinho para os cães, que podem viver mais felizes quando são amados.

**Figura 3: Anúncio publicitário gato**

**Fonte: Clube do vista-se – Disponível em <http://vista-se.com.br/redesocial/novos-proverbios-populares-novosproverbiospopulares/> acesso em fevereiro de 2013.**



Já nesse anúncio, as unidades são modificadas. O provérbio “Quem não tem cão caça com gato” sofreu alterações na segunda oração, com o intuito de mostrar que existem animais esperando por um dono, os quais podem ser tanto um cão, como um gato. O importante é o gesto de adoção desses animais sem dono.

**Figura 4: Anúncio publicitário pássaros**

**Fonte: Clube do vista-se – Disponível em <http://vista-se.com.br/redesocial/novos-proverbios-populares-novosproverbiospopulares/> acesso em fevereiro de 2013.**



O improvérbio desse anúncio nega o provérbio “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”. Mais uma vez carregado de ideologia, o anúncio, utilizando-se de um número ainda maior do que do provérbio original, tenta conscientizar sobre a liberdade dos pássaros, dizendo não à criação de aves em cativeiros.

Os anúncios desse site têm um objetivo em comum: a proteção dos animais. Eles utilizam imagens relacionadas aos temas proteção, adoção e liberdade, dando, ainda, mais força à mensagem dos improvérbios.

Figura 5: Anúncio publicitário Wet'n Wild – Fonte: Portal da Propaganda  
Disponível em <http://www.portaldapropaganda.com.br/portal/propaganda/28652-wetn-wild-usa-proverbios-em-nova-campanha> acesso em fevereiro de 2013




O anúncio acima utiliza o provérbio “Uma andorinha só não faz verão”, alterando-o e inserindo uma frase em seguida, que completa o sentido desejado. “Uma gotinha de água só não faz verão. 7 milhões de litros fazem” A frase seguinte é necessária para que o anunciante complete o enunciado desejado. É a propaganda de um famoso parque aquático de São Paulo. Na construção do anúncio, o termo “uma andorinha” é transformado em “uma gotinha de água”, mantendo, inclusive, a forma no diminutivo.

- Função na mídia: Segundo Succi (2006), na mídia, o ideal é que o *slogan* tenha características de provérbio, devido a sua forma curta e fácil de ser memorizada. Pode-se observar a tentativa de se utilizar o próprio provérbio, com as devidas alterações, a fim de que se alcance esse objetivo. A cervejaria “Devassa” utilizou essa estratégia. Buscando enfatizar a produção própria da cervejaria, criou o *slogan* “Aqui se faz, aqui se bebe”, remetendo ao provérbio “Aqui se faz, aqui se paga”. A partir dessa ideia, a cervejaria difundiu diversas frases, utilizando a mesma estratégia, em situações diferentes, como podemos observar a partir das imagens a seguir:

**Figura 6: Anúncio publicitário Devassa Aqui se faz, aqui se bebe.**

**Fonte: Devassa Vitória Bar**

**Disponível em <http://devassavitoria.wordpress.com/page/13/> acesso em fevereiro de 2013.**



**Aqui se faz, aqui se bebe.  
Aqui se trabalha, aqui se cuida do planeta.**

A Cervejaria Devassa, pensando no planeta e nas próximas gerações, oferece à você, que é nosso vizinho, a oportunidade de contribuir para o bem do meio Ambiente.

Se você não sabe o que fazer com seu óleo de cozinha usado, entregue aqui no nosso estabelecimento, em garrafas PET, das 13h às 18h. O óleo será encaminhado para a BioMarca, empresa que utiliza esse material na produção de biodiesel.

Rua João da Cruz, n°290  
Praia do canto - Vitória  
30267934  
[www.devassa.com.br](http://www.devassa.com.br)

**DEVASSA**  
CERVEJARIA

**BIO**Marca  
Dicas Ecológicas

**Figura 7: Anúncio publicitário Devassa Aqui se faz, aqui se lê**



O provérbio, por constituir uma mensagem cristalizada e compartilhada por uma comunidade linguística, pode ser utilizado na sua forma original na mídia. Os anúncios trazem as formas originais, mostrando o quanto esses enunciados estão vivos, presentes nos diversos discursos. O anúncio a seguir utilizou-se do provérbio “Tal pai, tal filho”. É uma promoção da rádio Maringá FM, que parece ter circulado na ocasião do dia dos pais.

Figura 8: Anúncio publicitário Rádio Ma Disponível em <http://www.maringafm.com.br/promocoesDetalhes.asp?cod=158> acesso em fevereiro de 2013. ringá



- Contexto e intertextualidade: Succi (2006) afirma que o provérbio encontra-se sempre vinculado a um discurso e que nunca aparece isolado. O fato de, durante o decorrer de uma conversa, o falante fazer referência a um provérbio consiste em intertextualidade. A utilização de um provérbio é, em si, um evento intertextual. Ao fazer menção a um provérbio, o falante o toma como um recurso discursivo, conforme afirma Vellasco apud Succi (2006, p. 44):

O uso das expressões linguísticas padrão faz com que nossa comunicação flua com mais facilidade e eficiência, pois evita que a todo momento tenhamos que ser criativos – algumas delas vêm, inclusive em nosso socorro nos momentos em que não sabemos o que dizer.

- Conotação, denotação e cristalização: o provérbio possui certo grau de conotação, ele é construído a partir de metáforas. A forma conotativa é a forma cristalizada e consagrada pela tradição cultural. O correspondente denotativo não é consagrado pela tradição. Um exemplo dado por Succi (2006) é “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando” é a forma cristalizada e consagrada, enquanto “Garanta o pouco que tens ao invés de procurar ter mais” é uma forma possível, porém não é consagrada pela tradição. Os provérbios, como já apresentado por Corpas Pastor (1996), diferenciam-

se dos ditados exatamente por estes possuírem uma linguagem denotativa, e aqueles uma linguagem conotativa, embora os dois enunciados fraseológicos tenham passado pelo processo de cristalização.

- Sinonímia e antonímia: os provérbios que possuem o mesmo significado são provérbios sinônimos, como estes, apresentados por Succi (2006): “Filho de peixe, peixinho é” e “Tal pai, tal filho”. Martins (2004) apresenta provérbios sinônimos, como “Quem procura acha” e “Quem semeia vento colhe tempestade”. Há também os provérbios variantes, que sofrem alterações sintáticas, como em: “O castigo vem a cavalo” e “O castigo anda a cavalo”. Provérbios antônimos apresentam significados opostos, como em: “Ruim com ele, pior sem ele” e “Antes só do que mal acompanhado”. Martins (2004) também cita alguns provérbios contrários, como “Pelo dedo se conhece o gigante” e “As aparências enganam”.
- Humor, criatividade e crenças: o falante é muito criativo e, utilizando de muito humor, continua criando provérbios, como “Relógio que atrasa não adianta”. Encontramos, também, muitos provérbios ligados a crenças e a superstições, como “Agosto, mês de desgosto”. Esses recursos são encontrados nos discursos e é possível que muitos desses novos provérbios sejam criados a partir de outros provérbios, já consagrados. É o que se pode observar nos provérbios a seguir, nos quais foram feitas alterações, utilizando-se de humor, a fim de adequá-los ao tema “pós-graduação”:

“A recurso aprovado não se olha a fonte”

“Um aluno bem orientado vale por dois”

“Não adianta chorar sobre o artigo recusado”

“Cada banca, uma sentença”

“É na necessidade que se conhece o Orientador”

“As estatísticas enganam”

“Antes só do que mal orientado”

“Amigos, amigos, bolsas à parte”

“A pressa é inimiga da redação”

“Diga-me qual teu grupo de pesquisa e te direi quem és”

“Em terra de mestres, quem tem doutorado é rei”

“Artigos passados não movem o Lattes”

“O laboratório do vizinho é sempre melhor equipado que o seu”

“É melhor um artigo publicado do que dois no prelo”

“Para bom pesquisador, meia referência basta”

“Nem todo periódico que reluz é qualificado pela CAPES”

“De tanto pensar, morreu o estagiário”

“A união faz boa pesquisa”

“A minha autoria acaba onde começa a autoria dos outros”

“Azar na pesquisa, sorte na docência”

“Cada artigo, um parecer”

“Contra dados não há argumentos”

“Devagar se vai publicando”

Fonte: Posgraduando

Disponível em <http://www.posgraduando.com/humor/proverbios-na-versao-academica> acesso em fevereiro de 2013.

Podemos retomar vários provérbios originais a partir das alterações realizadas, como “A cavalo dado não se olham os dentes”, “Não adianta chorar o leite derramado” e “Em terra de cego, quem tem um olho é rei”. Com humor e criatividade, novos provérbios surgiram. O site *www.posgraduando.com* instiga o leitor a criar novos provérbios com a pergunta “E você, consegue adaptar mais algum?”

Na música também é possível encontrarmos novos provérbios, exemplificando a criatividade dos falantes, como na música “Camarão que dorme a onda leva”, de Zeca Pagodinho e Arlindo Cruz.

Não pense que meu coração é de papel/Não brinque com o meu interior/Camarão que dorme a onda leva/Hoje é o dia da caça/Amanhã do caçador/Camarão que dorme a onda leva/Hoje é o dia da caça/Amanhã do caçador/Não quero que o nosso amor acabe assim/Um coração quando ama é sempre amigo/Só não faça gato e sapato de mim/Pois aquele que dá pão, também dá castigo/Só não faça gato e sapato de mim/Pois aquele que dá pão, também dá castigo/(Não pense que meu coração)/Não veja meu sentimento com desdém/Enquanto o bem existir o mal tem cura/A pedra é muito forte mas tem um porém, meu bem/A água tanto bate até que fura/A pedra é muito forte mas tem um porém, meu bem/A água tanto bate até que fura.

Disponível em <http://letras.mus.br/beth-carvalho/243316/> acesso em fevereiro de 2013.

Além do novo provérbio que dá nome à música, são encontrados outros provérbios, como “Aquele que dá pão também dá castigo”, “Hoje é dia da caça, amanhã do caçador” e “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, desconstruído na forma “A pedra é muito forte mas tem um porém, meu bem, a água tanto bate até que fura”.

Muitas músicas apresentam provérbios na sua forma original ou com algumas variações. Na música ‘Saudosa maloca’, de Adoniran Barbosa, identificamos o provérbio “Deus dá o frio conforme o cobertor”:

Si o senhor não "tá" lembrado/Dá licença de "contá"/Que aqui onde agora  
está/Esse "edifício arto"/Era uma casa veia/Um palacete assombrado/Foi  
aqui seu moço/Que eu, Mato Grosso e o Joca/Construímo nossa  
maloca/Mais, um dia/Nóis nem pode se alembra/Veio os homi c'as  
ferramentas/O dono mandô derrubá/Peguemo todas nossas coisas/E fumos  
pro meio da rua/Aprecia a demolição/Que tristeza que nós sentia/Cada  
táuba que caía/Duia no coração/Mato Grosso quis gritá/Mas em cima eu  
falei:/Os homis tá cá razão/Nós arranja outro lugar/Só se conformemo  
quando o Joca falou:/"Deus dá o frio conforme o cobertor"/E hoje nós pega  
a páia nas grama do jardim/E prá esquecê nós cantemos assim:/Saudosa  
maloca, maloca querida,/Dim dim donde nós passemos os dias feliz de  
nossas vidas  
Saudosa maloca,maloca querida,  
Dim dim donde nós passemos os dias feliz de nossas vidas.

Disponível em <http://letras.mus.br/adoniran-barbosa/43969/> acesso em fevereiro de 2013.

O provérbio aparece como um enunciado completo, do personagem “Joca”, que justifica os acontecimentos, a partir de um discurso conformista, utilizando-se ‘apenas’ do provérbio.

Outro exemplo da aparição de provérbios em músicas é em “Samba de minuto”, de autoria de Roberta Sá:

Devagar/Esquece o tempo lá de fora/Devagar/Esqueça a rima que for  
cara./Escute o que vou lhe dizer/Um minuto de sua atenção/Com minha dor  
não se brinca/Já disse que não/Com minha dor não se brinca/Já disse que  
não./Devagar/Esquece o tempo lá de fora/Devagar/Esqueça a rima que for  
cara./Escute o que vou lhe dizer/Um minuto de sua atenção/Com minha dor  
não se brinca/Já disse que não/Com minha dor não se brinca/Já disse que  
não./Devagar, devagar com o andor/Teu santo é de barro e a fonte secou/Já  
não tens tanta verdade pra dizer/Nem tão pouco mais maldade pra fazer./E  
se a dor é de saudade/E a saudade é de matar/Em meu peito a novidade/Vai  
enfim me libertar./Devagar...

Disponível em <http://letras.mus.br/roberta-sa/1064487/> acesso em fevereiro de 2013.

O provérbio “Devagar com o andor, que o santo é de barro” sofre alteração em um de seus elementos, a fim de fortalecer a intenção discursiva. Com a modificação, o que se obtém é “Devagar com o andor, teu santo é de barro”.

- Moral da história: com a intenção de educar ou advertir, os provérbios são bastante comuns em textos infantis, como no gênero fábulas. O preceito moral é resumido a um provérbio, que, geralmente, é explicitado no final do texto. “Quem tudo quer nada tem” encerra a fábula “A gansa dos ovos de ouro”, apresentada a seguir:

Um fazendeiro e a mulher tinham uma gansa que todos os dias punha um ovo de ouro maciço. E todas as noites a guardavam em segurança dentro de um cercado ao canto da cozinha, com uma tigela cheia de bom milho e outra de água limpa. E todas as manhãs encontravam mais um ovo amarelo e reluzente na sua cama de palha fofa.

Certo dia, a mulher do fazendeiro disse ao marido:

- Isto dos ovos de ouro é muito bom, meu amigo, mas apesar de acabarmos ricos, vai levar muito tempo a fazermos fortuna que se veja. E, quando o conseguirmos, não nos vai aproveitar nem metade do que aproveitava já. Por isso tive uma ideia. É mais que certo que deve haver uma grande provisão de ovos de ouro dentro da nossa gansa. Por que havemos de esperar toda a vida que ela os ponha? Pega na faca e teremos todo esse ouro agora, enquanto podemos gozar.

- Bem - disse o fazendeiro, hesitante - parece-me uma maneira injusta de tratar um animal tão bom. Mas, por outro lado...

E sem dizer mais nada, matou a gansa e abriu-a. Para constatar que a ave por dentro era igual a outra gansa qualquer, sem o menor vestígio de um único ovo de ouro.

- Agora, minha querida, não ficamos ricos nem depressa nem devagar - disse o fazendeiro muito aborrecido.

Quem tudo quer, tudo perde.

Disponível em [www.coolkids.guarda.pt/content/a-gansa-dos-ovos-de-ouro](http://www.coolkids.guarda.pt/content/a-gansa-dos-ovos-de-ouro) acesso em fevereiro de 2013.

- Aspectos estruturais: Grande parte dos provérbios apresenta a forma verbal no presente do indicativo. Essa característica torna-os atemporais. Outra característica estrutural é a forma verbal no modo imperativo, como em “Faça o que eu digo, não faça o que eu faço”. Encontram-se provérbios em outros tempos e modos verbais e também na forma interrogativa, como exemplifica Succi (2006) em “O que seria do verde se todos gostassem do amarelo?”

Ainda segundo a autora, os provérbios distinguem-se pela elaboração trabalhada, com a utilização de recursos como o ritmo, a aliteração, a assonância, as construções binárias, o paralelismo, a repetição, a violação da sintaxe e os termos regionais.

Todos esses aspectos listados por Succi (2006) são pontos importantes para caracterizar os provérbios, apesar de muitos deles serem aspectos caracterizadores também das demais formas de fraseologismos.

A definição e os parâmetros utilizados por Corpas Pastor (1996) delimitam os fraseologismos, tornando possível, com isso, distinguir os provérbios das demais unidades fraseológicas.

É possível concluir, a partir dos diversos exemplos de discursos em que se encontram os provérbios, que este enunciado encontra-se vivo, presente em discursos que circulam tanto na modalidade oral como na modalidade escrita da língua.

## CAPÍTULO II

### LÉXICO E ENSINO

#### 2.1. Ensino de Língua Portuguesa e concepção de língua e linguagem

O ensino de Língua Portuguesa deveria estar ligado a uma concepção de língua e linguagem, pois como salienta Antunes (2003, p. 40) “Não pode haver uma prática eficiente sem fundamentação num corpo de princípios teóricos sólidos e objetivos.” Mas sabemos que, infelizmente, isso não é bem o que acontece. Nas décadas finais do século XX, a linguística defendida por Saussure, Bloomfield e Chomsky sofreu desdobramentos. A partir da década de 60, novas tendências em relação às ciências linguísticas fogem a essa linguística hegemônica defendida pelos linguistas supracitados.

Surgem, portanto, novos ramos da linguística: a Pragmática, a Sociolinguística, a Psicolinguística, a Análise do Discurso, a Linguística Textual, que passam a ter como objetivo a observação da linguagem em seus usos efetivos. Esse fenômeno é conhecido como *guinada pragmática* (Marcuschi, 2008).

Apesar de todos esses avanços nos estudos linguísticos, poucas mudanças podem ser percebidas no que tange ao ensino de Língua Portuguesa no ambiente escolar. A concepção de língua e linguagem, que já foi considerada como espelho do pensamento e, mais tarde, como instrumento de comunicação, passa, então, nas últimas décadas do século passado, a ser considerada, segundo Soares (1998), como:

... uma concepção que vê a língua como enunciação, discurso, não apenas como comunicação, que, portanto, inclui as relações da língua com aqueles que a utilizam, com o contexto em que é utilizada, com as condições sociais e históricas de sua utilização. Essa nova concepção vem ela também alterando em sua essência o ensino da leitura e da escrita, agora vistas como processo de interação autor-texto-leitor, em determinadas circunstâncias de enunciação e no quadro das práticas socioculturais contemporâneas de uso da escrita, e vem ainda alterando as atividades de desenvolvimento da linguagem oral, considerada esta sempre como interação, em que sentidos são produzidos por e para uma situação discursiva específica. (SOARES, 1998 p. 59)

Essa nova concepção trouxe, portanto, mudanças na forma de ver o ensino de Língua Portuguesa, que deveria passar a valorizar o ensino de uma língua real, utilizada pelos falantes, de forma a contribuir para o seu uso adequado na interação, tanto oral, quanto escrita, em diversas situações nas práticas socioculturais. Infelizmente não é isso que se pode observar nas práticas pedagógicas.

Apesar de todos os avanços nas ciências linguísticas e de toda a produção de trabalhos relacionados a essa nova forma de se ver a língua e o seu ensino, as aulas de Língua Portuguesa mantêm um ensino reducionista, que toma a palavra ou frase descontextualizada como ponto de partida para o ensino da língua. As aulas de Língua Portuguesa, em sua maioria, continuam sendo sinônimos de aulas de gramática. Essa ideia de que ‘estudar a língua é estudar gramática’ está tão enraizada no ambiente escolar e mesmo fora dele que constitui um dos obstáculos enfrentados por alguns professores para que haja mudança na forma de se trabalhar a língua em sala de aula. Sobre esse aspecto, Antunes (2012) tece algumas considerações:

Essa hegemonia da gramática se estende ao consenso da população em geral, sobretudo daquela que passou pela escola. Essa, em geral, acredita que ‘estudar uma língua é estudar gramática’, ‘saber uma língua é saber gramática’, ‘analisar um texto é dar conta de sua gramática’, ‘aula de português tem de ser aula de gramática’ etc. (ANTUNES, 2012, p. 21)

O ensino descontextualizado e reducionista, com a visão de que ‘estudar uma língua é estudar gramática’, tem reflexos no desempenho dos estudantes. Avaliações têm mostrado um quadro negativo dos estudantes brasileiros quanto à proficiência em leitura e escrita. É um resultado que confirma que o ensino de Língua Portuguesa nas escolas tem apresentado falhas. A principal delas está, exatamente, no fato de se confundir ensino de língua com ensino de gramática. O ensino descontextualizado, que entende a língua apenas como um sistema, não contribui em nada para a formação de um sujeito proficiente em leitura e produção de textos, que apresente competência discursiva.

## 2.2. Avaliações e políticas públicas em educação

Na década de 90, o relatório do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) apontou problemas de alunos brasileiros em leitura e escrita. “O PISA tem uma concepção cognitiva de leitura como extração de informação e relação entre informações extraídas de textos em diferentes gêneros e linguagens.” (Rojo, 2009, p. 31). O Brasil obteve um dos piores resultados no relatório do ano 2000 e ainda não percebemos muitas mudanças nesse quadro hoje. Os resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), do ano de 2001, não foram muito diferentes. Segundo Rojo & Batista (2003), o relatório atesta que:

...41% - quase metade – dos jovens do final do Ensino Médio apresentam capacidades de leitura abaixo das citadas no relatório para o nível 5, que, por si sós, já são extremamente simples e básicas, além de exercidas sobre textos curtos e muito pouco complexos. Além disso, o relatório admite que apenas 5,35% dos jovens apresentam capacidades de leitura compatíveis com o que seria de se esperar ao término do Ensino Médio. Estes resultados são bastante compatíveis com os do Relatório Pisa/2000. (ROJO & BATISTA, 2003, p. 13)

Esse baixo rendimento, já identificado desde o início da década de 90, talvez tenha sido um dos principais fatores que levaram o governo brasileiro a adotar medidas com o objetivo de desenvolver a educação básica no país. O primeiro passo do Ministério de Educação e Cultura (MEC) foi a criação do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que tinha como principal objetivo criar programas para o desenvolvimento da educação.

Como as ideias de língua como enunciação, discurso; de uma gramática voltada para o texto e do desenvolvimento de habilidades voltadas para as práticas de leitura e produção textual ainda estavam muito novas, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). A criação dos PCN, em 1996, visava a uma descrição das habilidades a serem trabalhadas no ambiente escolar no que se refere às diversas disciplinas, dentre elas, Língua Portuguesa. Com o passar do tempo, os PCN necessitaram de reformulações, principalmente com as novas teorias sobre gênero discursivo, com isso foram criados novos materiais para os complementarem, como é o caso do Currículo Básico Comum (CBC), no estado de Minas Gerais. Esses materiais trazem matrizes das competências básicas que devem ser comuns a

todo ambiente escolar, mas que podem também ser adaptados de acordo com a realidade de cada escola e alunos.

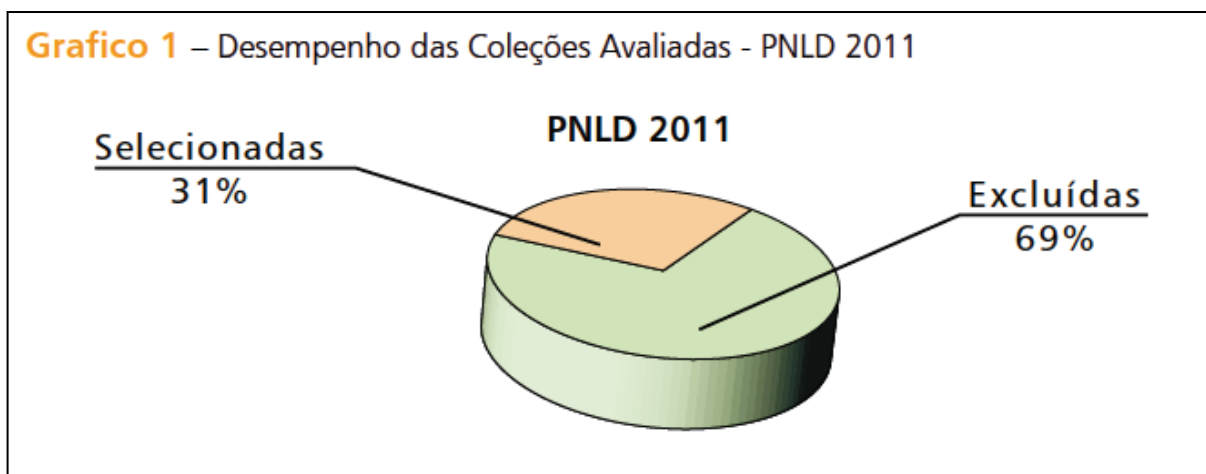
### 2.3. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)

Outra medida tomada pelo MEC foi a implantação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). O PNLD é realizado por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e, desde 1996, esse programa analisa a qualidade dos livros didáticos destinados ao Ensino Fundamental, e agora também ao Ensino Médio. O programa promove a qualidade dos livros didáticos, que cada vez mais buscam se adequar às exigências do MEC.

Embora o nível de qualidade das coleções das diversas disciplinas tenha aumentado, a partir da análise do PNLD, é ainda considerável o número de coleções que não se adequam aos critérios utilizados pelo programa. O gráfico abaixo mostra dados sobre a aprovação e a reprovação de coleções do PNLD 2011:

**Figura 9: Gráfico Coleções selecionadas PNLD 2011**

**Fonte: GUIA PNLD 2011 - Apresentação, 2010, p. 13**



Os autores e editores das coleções de Língua Portuguesa passaram a selecionar textos diversificados, autênticos e de qualidade, embora as coleções apresentadas para análise do PNLD apresentem uma preferência por textos representativos da variedade padrão, norma

culta, língua escrita. A diversidade e as variedades linguísticas não se encontram tão bem representadas. (ROJO & BATISTA, 2003, p. 16)

Após passarem por avaliação, pautada em diversos critérios, os livros são distribuídos às escolas da rede pública de educação. No Guia PNLD 2011, podemos encontrar os critérios gerais e específicos, que nortearam a seleção das coleções aprovadas. Constituem critérios gerais da avaliação:

- Respeito à legislação, às diretrizes e normas oficiais ao ensino fundamental;
- Observância de princípios étnicos necessários à construção da cidadania e ao convívio social republicano;
- Coerência e adequação da abordagem teórico-metodológica assumida pela coleção, no que diz respeito à proposta didático-pedagógica explicitada e aos objetivos visados;
- Observância das características e finalidades específicas do manual do professor e adequação da coleção à linha pedagógica apresentada;
- Adequação da estrutura editorial e do projeto gráfico aos objetivos didático-pedagógicos da coleção.

Constituem critérios específicos para o componente curricular de Língua Portuguesa:

- A natureza do material textual selecionado;
- O trabalho com o texto: leitura e produção de textos escritos
- O trabalho com a oralidade
- O trabalho com os conhecimentos linguísticos.

A avaliação e a distribuição desse material acontecem a cada três anos. Importante ressaltar que o Guia do livro didático traz as resenhas sobre as coleções aprovadas pelo MEC, a fim de que os professores possam fazer a escolha da coleção que mais se adéqua à realidade da escola e dos alunos. Apesar de o Guia se destinar aos docentes para que seja realizada a escolha, não raro nos deparamos com professores que, além de não conhecerem o Guia, alegam estar despreparados para fazer a escolha adequada. É o que salienta Batista (2003):

“...poucas vezes os livros didáticos são diretamente examinados pelos docentes; o processo tende a se fazer, muitas vezes, sem o necessário processo de discussão nas escolas e nas redes públicas de ensino; não se

oferecem subsídios que auxiliem na realização das escolhas mais bem fundamentadas.” (BATISTA, 2003, p 51)

É importante que a escolha da coleção a ser adotada se dê de forma condizente com a realidade dos alunos e com o projeto político pedagógico da escola. A escolha inadequada da coleção provavelmente levará, também, à má utilização do material. O Guia PNLD traz um roteiro de escolha, que orienta os professores no processo de análise das coleções.

Cafiero (2010) tece algumas considerações sobre o papel do professor na escolha do livro didático:

Para que o livro didático seja um suporte material auxiliar no desenvolvimento de capacidades de leitura dos alunos, o primeiro passo é fazer uma escolha consciente. A tarefa de escolher o livro didático é do professor, do regente da classe. Não pode ser delegada ao diretor da escola ou ao supervisor, embora esses devam participar. (CAFIERO, 2010, p. 96)

O professor é o profissional, no ambiente escolar, que melhor conhece as necessidades de seus alunos. É por esse motivo que é dele o papel principal na escolha do livro didático a ser utilizado como material auxiliar nas práticas pedagógicas de leitura e escrita.

#### **2.4. Os Livros didáticos**

Segundo Alain Choppin (1992), citado por Batista & Rojo (2005), os livros didáticos são:

...obras produzidas como o objetivo de auxiliar no ensino de uma determinada disciplina, por meio da apresentação de um conjunto extenso de conteúdos do currículo, de acordo com uma progressão, sob a forma de unidades ou lições, e por meio de uma organização que favorece tanto usos coletivos (em sala de aula), quanto individuais (em casa ou em sala de aula). (BATISTA & ROJO, 2005, p. 15)

Para Batista (2003), há uma cristalização da concepção de livro didático. Essa cristalização se deu devido a diversos fatores, como, por exemplo, a intensa ampliação do sistema de ensino, ao longo dos anos 60 e 70 do século passado, e, também, processos de

recrutamento docente mais amplos e menos seletivos. Ainda segundo o referido autor, esse modelo de livro didático tem por principal função a estruturação do trabalho pedagógico em sala de aula e se organiza em torno de dois aspectos principais:

- da apresentação não apenas dos conteúdos curriculares mas também de um conjunto de atividades para o ensino-aprendizado desses conteúdos;
- da distribuição desses conteúdos e atividades de ensino de acordo com a progressão do tempo escolar, particularmente de acordo com as séries e unidades de ensino. (BATISTA, 2003, p. 46-47)

É inegável a importância do livro didático, e ainda será por um bom tempo, como instrumento auxiliar na sala de aula de Língua Portuguesa. Como destacam Batista, Rojo & Zúñiga (2005):

...o manual didático é um dos poucos gêneros de impresso com base nos quais parcelas expressivas da população brasileira realizam uma primeira – e muitas vezes a principal – inserção na cultura escrita. É também um dos poucos materiais didáticos presentes cotidianamente na sala de aula, constituindo o conjunto de possibilidades a partir do qual a escola seleciona seus saberes, organiza-os, aborda-os. (BATISTA, ROJO & ZÚÑIGA, 2005, p. 47)

Como lembrado pelos autores, muitas vezes o primeiro acesso à cultura escrita se dá através do contato com o livro didático. E o livro didático, certamente, acompanhará o aluno durante toda a sua trajetória escolar. A avaliação realizada pelo PNLD garante qualidade a esse material, uma vez que o livro didático é analisado sob diferentes perspectivas, atendendo a vários aspectos da língua, essenciais para um bom desenvolvimento das práticas de leitura e escrita. Os programas destinados ao desenvolvimento da educação somados à utilização adequada dos recursos oferecidos podem resultar em um ensino de qualidade. Importa lembrar que a boa formação do professor influenciará, significativamente, no processo de ensino-aprendizagem, principalmente no que diz respeito ao bom uso dos recursos que lhe são oferecidos. O livro didático é uma importante ferramenta para o desenvolvimento da competência discursiva, porém o professor deve ir além do que é oferecido pelo material, adaptando e enriquecendo suas propostas.

A partir da implantação do PNLD no Brasil, houve uma valorização do livro didático, que passou a ser elaborado mais cuidadosamente, seguindo critérios estabelecidos pelo MEC.

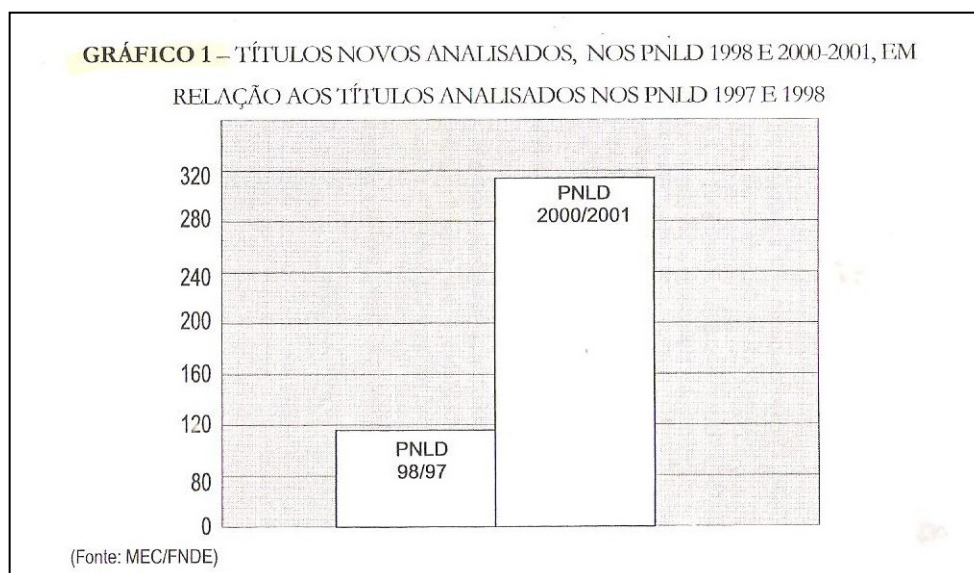
O livro didático sempre foi um grande aliado do professor na sala de aula e com o PNLD pôde atender melhor alunos e professores.

O livro didático está presente cotidianamente na sala de aula e constitui um dos elementos básicos da organização do trabalho docente. A realização da avaliação terminou por resultar numa política do Estado não apenas de intervenção no campo editorial e de controle de sua produção, mas também, por essa via, de intervenção no currículo e de seu controle. (GOMES; ROJO; ZÚÑIGA, 2005 p. 53)

Houve, então, uma melhora na qualidade dos livros didáticos, que a partir de então tentam cumprir com todas as exigências do PNLD, baseadas também nos PCN. O mercado editorial também ganhou com os critérios de avaliação do PNLD, uma vez que as editoras visavam à aprovação das coleções pelo programa. Houve um verdadeiro salto no número de títulos avaliados pelo PNLD de 1997 para 2000, como pode ser observado a partir do gráfico abaixo:

**Figura 10: Gráfico Títulos analisados PNLD 1997-2000**

**Fonte: BATISTA, 2003, p. 39**



Sobre a melhoria na qualidade dos livros didáticos, Cafiero (2010) afirma:

Hoje esses livros são muito melhores que os de antigamente, ainda que não sejam os ideais. Os textos que neles aparecem resgatam, pelo menos em parte, a formatação original, e apresentam uma considerável diversidade de gêneros textuais e autores. Além disso, cada vez mais, as propostas de

atividades apresentadas contribuem para a reflexão sobre os usos da língua. (CAFIERO, 2010, p. 95)

A referida autora lembra ainda a subutilização desse material didático por parte de algumas escolas e profissionais, mesmo com todos os cuidados na seleção do PNLD e na escolha dos livros didáticos:

Muitas vezes a escola deixa os livros didáticos que recebe do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) guardados no armário ou empoeirando na biblioteca, com a desculpa de que são muito fracos ou muito fortes para os alunos. E usa um conjunto de fragmentos retirados aqui e ali de outros livros didáticos sem estabelecer critérios de seleção precisos, e sem ter clareza dos objetivos a serem atingidos. (CAFIERO, 2010, p. 95-96)

Mesmo com a avaliação do PNLD, muitas coleções distribuídas às escolas apresentam inadequações. Os textos muitas vezes servem apenas de pretexto para o ensino das regras de gramática, quando vários outros aspectos poderiam ser explorados. O professor deve estar atento para que se possa aproveitar ao máximo o material, extrapolando o que lhe é oferecido.

Aos poucos, podemos perceber mudanças positivas no que diz respeito ao tratamento do léxico e do vocabulário, que passa a ser mais valorizado. Com toda a nova concepção de língua e linguagem e com a valorização do ensino do léxico, esse ensino ganha, aos poucos, seu espaço nos livros didáticos.

Embora passem a ser incluídas atividades relacionadas ao ensino do léxico, estas são ainda insuficientes para o bom desenvolvimento da competência lexical. O espaço destinado ao ensino do léxico, na maioria dos livros didáticos é reduzido, não abrangendo todos os aspectos a serem explorados de forma a se alcançar o desenvolvimento da competência lexical. Muitas vezes o que se observa é o ensino de vocabulário, e não o ensino do léxico. Sobre o ensino do léxico nos livros didáticos de Língua Portuguesa, Antunes (2012) afirma:

Na maioria dos livros didáticos, sobretudo os do ensino fundamental, o estudo do léxico fica reduzido a um capítulo em que são abordados os processos de “formação de palavras”, com a especificação de cada um desses processos, acrescida de exemplos e de exercícios finais de análise de palavras. O destino que terão as palavras criadas é silenciado. O significado que tem a possibilidade de se criar novas palavras pouco importa.

Tampouco importa a vinculação de tais criações com as demandas culturais de cada lugar e de cada época.” (ANTUNES, 2012, p. 20-21)

Apesar do avanço que se percebe ultimamente no aperfeiçoamento qualitativo dos livros didáticos de português, a importância dada ao estudo do léxico necessita de ser revista nesses materiais para que sua avaliação leve em consideração aspectos importantes do ensino do léxico, essencial para o desenvolvimento da competência lexical e, conseqüentemente, da competência discursiva. Muitos livros didáticos, após a valorização do ensino do vocabulário e do léxico no final do último século, apresentaram uma nova visão desse ensino, mas, em grande parte, não atendem de forma adequada. É preciso que o estudo do léxico se dê, nos livros didáticos e nas práticas em sala de aula, tendo em vista uma progressão, ao longo dos anos no Ensino Fundamental. As atividades devem ser desenvolvidas e planejadas ao longo de cada ano e ao longo das séries.

## **2.5. Ensino do léxico**

Pode-se observar, a partir de uma análise superficial, que o ensino do léxico é deixado em segundo plano não só nos livros didáticos, mas também nas diversas práticas de ensino durante as aulas de Língua Portuguesa. Quando o léxico ganha espaço como objeto de ensino nos programas escolares, não atinge a dimensão da textualidade, não é visto como componente fundamental da construção textual dos sentidos (Antunes, 2012). São explorados apenas aspectos relacionados a questões como sinonímia e antonímia.

Antunes (2012), ao apresentar argumentos em relação ao lugar do léxico no ensino de língua portuguesa, destaca:

Considerando o conhecimento que temos acerca de como, regularmente, é preenchido o tempo de nossas aulas de português, facilmente chegamos a constatação de que a atenção concedida ao estudo do léxico tem um caráter breve, e insuficiente. Ocupa assim um lugar adicional. (ANTUNES, 2012, p. 20)

Em muitas coleções de livros didáticos, por exemplo, o estudo do léxico é apresentado em unidades suplementares, o que evidencia a visão de que tal estudo deve ocupar apenas um lugar adicional. Nas práticas de professores de Língua Portuguesa nas salas de aula, não é

diferente. O ensino do léxico não é incluído, sequer, nos programas de ensino, aparecendo sempre de forma reduzida e insuficiente. Como observado pela autora acima citada, essas práticas aparecem, simplesmente, “Para não dizerem que não falamos de flores’, *ou*, do léxico!” (Antunes, 2012, p. 21)

Esse descaso quanto às questões do ensino do léxico é observado, principalmente, no ensino de língua materna, no qual o foco ainda é o ensino de gramática. Ao contrário do que parece ser de consenso entre professores, alunos e, até mesmo, pais, a língua é constituída de muito mais do que gramática. A língua não é formada apenas por regras de funcionamento, mas também de léxico. A gramática, constituída de regras, é necessária, mas não é suficiente.

Conforme afirma Antunes (2007, p. 43), “Na verdade, é o conjunto – léxico e gramática -, materializado em textos, que permite a atividade significativa de nossas atuações verbais.”

Portanto, há de se entender que o ensino de Língua Portuguesa precisa deixar de ser entendido como ensino de gramática. O léxico precisa de seu lugar nas práticas em sala de aula e também nos manuais didáticos.

Por vezes, a realidade nas escolas é que uma boa parcela dos professores de Língua Portuguesa sequer sabe o que quer dizer ‘léxico’. Essa falta de (in)formação dos professores constitui um dos vários fatores que contribuem para que o ensino do léxico se dê de forma inadequada e insuficiente. Somente com uma boa formação, seja ela inicial ou continuada, será possível se explorar, de forma satisfatória, os aspectos do léxico. Por mais que haja um esforço para que materiais referentes ao ensino do léxico cheguem às escolas, poucas mudanças podem ser percebidas nas práticas em sala de aula.

O domínio do vocabulário e do léxico leva a uma melhor interação entre os indivíduos de determinada comunidade linguística, uma vez que, ao conhecer bem as palavras da língua, o sujeito se apropria de ferramentas para elaborar de forma adequada o seu discurso e está apto também a compreender com maior facilidade os diversos discursos com os quais se depara em seu dia a dia.

O léxico, segundo Bezerra (1999), corresponde à totalidade de palavras, por meio das quais os membros de uma comunidade linguística se comunicam. O vocabulário corresponde ao conjunto de palavras efetivamente utilizadas pelas pessoas ou grupos sociais. Torna-se interessante um ensino centrado no léxico para que o aprendizado se dê de forma ampla.

Sabendo-se que uma unidade lexical, em co-ocorrência com outras no texto, veicula uma informação cultural de uma determinada comunidade e que

sobre essas unidades se fundamenta a coerência semântica do texto, o domínio do léxico, além de outros componentes, se faz necessário para que se amplie a capacidade de prever e/ou criar a coerência do texto. (TRÉVILLE & DUQUETTE, apud BEZERRA, 1999).

Um maior domínio do léxico leva a um melhor conhecimento linguístico, o que auxilia nas práticas de leitura e produção textual. Existem alguns conhecimentos que se relacionam com o ato de codificação e decodificação oral e escrita. O primeiro deles é o conhecimento enciclopédico, que corresponde ao conhecimento que o sujeito tem de mundo, tem que ver com as experiências do indivíduo, que o auxiliam no processo. O segundo é o conhecimento sócio-interacional, que corresponde às formas como devemos interagir com o outro, levando em conta aspectos como intenção e objetivo do discurso, normas comunicativas, seleção da variedade linguística. O terceiro é o conhecimento linguístico, que corresponde à gramática e ao léxico da língua. Esse conhecimento engloba questões como seleção lexical, elementos coesivos e organização das unidades lexicais no texto.

O professor de Língua Portuguesa deve ter consciência da importância de se trabalhar a partir desses conhecimentos, pois interligando as habilidades referentes a cada um deles pode-se desenvolver um bom trabalho voltado para as práticas de leitura e escrita, alcançando a competência discursiva.

Muitas transformações vêm sendo percebidas e o ensino do léxico, aos poucos, vem ganhando atenção e espaço. Um exemplo positivo do reconhecimento da importância de se trabalhar o léxico nas aulas de Língua Portuguesa é a presença de questões relativas ao léxico em avaliações como o Exame Nacional de Ensino Médio 2012 (ENEM).

O ENEM, além de constituir uma avaliação aplicada pelo governo, é também uma forma de ingresso nas maiores Universidades do país, substituindo as provas de vestibular, sendo aplicado em todo o território nacional. A presença de questões referentes ao léxico mostra uma preocupação quanto ao ensino do léxico e desenvolvimento da competência lexical. Uma vez cobradas pelo ENEM, fica claro que as habilidades referentes ao léxico devem ser desenvolvidas durante a Educação Básica.

O ENEM 2012 apresentou duas questões referentes ao estudo do léxico:

Figura 11: Questão 109 ENEM 2012 Fonte: ENEM, 2º dia, Caderno 6 – CINZA, 2012, p. 10

**QUESTÃO 109**

**TEXTO I**

**Antigamente**

Antigamente, os pirralhos dobravam a língua diante dos pais e se um se esquecia de arear os dentes antes de cair nos braços de Morfeu, era capaz de entrar no couro. Não devia também se esquecer de lavar os pés, sem tugir nem mugir. Nada de bater na cacunda do padrinho, nem de debicar os mais velhos, pois levava tunda. Ainda cedinho, aguava as plantas, ia ao corte e logo voltava aos penates. Não ficava mangando na rua, nem escapulia do mestre, mesmo que não entendesse patavina da instrução moral e cívica. O verdadeiro smart calçava botina de botões para comparecer todo liró ao copo d'água, se bem que no convescote apenas lambiscasse, para evitar flatos. Os bilontras é que eram um precipício, jogando com pau de dois bicos, pelo que carecia muita cautela e caldo de galinha. O melhor era pôr as barbas de molho diante de um treteiro de topete, depois de fintar e engambelar os coiós, e antes que se pusesse tudo em pratos limpos, ele abria o arco.

ANDRADE, C. D. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983 (fragmento).

**TEXTO II**

**Palavras do arco da velha**

Expressão	Significado
Cair nos braços de Morfeu	Dormir
Debicar	Zombar, ridicularizar
Tunda	Surra
Mangar	Escarnecer, caçoar
Tugir	Murmurar
Liró	Bem-vestido
Copo d'água	Lanche oferecido pelos amigos
Convescote	Piquenique
Bilontra	Velhaco
Treteiro de topete	Tratante atrevido
Abriu o arco	Fugir

FIORIN, J. L. As línguas mudam. In: Revista Língua Portuguesa, n. 24, out. 2007 (adaptado).

Na leitura do fragmento do texto *Antigamente* constata-se, pelo emprego de palavras obsoletas, que itens lexicais outrora produtivos não mais o são no português brasileiro atual. Esse fenômeno revela que

- Ⓐ a língua portuguesa de antigamente carecia de termos para se referir a fatos e coisas do cotidiano.
- Ⓑ o português brasileiro se constitui evitando a ampliação do léxico proveniente do português europeu.
- Ⓒ a heterogeneidade do português leva a uma estabilidade do seu léxico no eixo temporal.
- Ⓓ o português brasileiro apoia-se no léxico inglês para ser reconhecido como língua independente.
- Ⓔ o léxico do português representa uma realidade linguística variável e diversificada.

**Figura 12: Questão 126 ENEM 2012 Fonte: ENEM, 2º dia, Caderno 6 – CINZA, 2012, p. 16**

**QUESTÃO 126** =====

**O léxico e a cultura**

Potencialmente, todas as línguas de todos os tempos podem candidatar-se a expressar qualquer conteúdo. A pesquisa linguística do século XX demonstrou que não há diferença qualitativa entre os idiomas do mundo — ou seja, não há idiomas gramaticalmente mais primitivos ou mais desenvolvidos. Entretanto, para que possa ser efetivamente utilizada, essa igualdade potencial precisa realizar-se na prática histórica do idioma, o que nem sempre acontece. Teoricamente, uma língua com pouca tradição escrita (como as línguas indígenas brasileiras) ou uma língua já extinta (como o latim ou o grego clássicos) podem ser empregadas para falar sobre qualquer assunto, como, digamos, física quântica ou biologia molecular. Na prática, contudo, não é possível, de uma hora para outra, expressar tais conteúdos em camaiurá ou latim, simplesmente porque não haveria vocabulário próprio para esses conteúdos. É perfeitamente possível desenvolver esse vocabulário específico, seja por meio de empréstimos de outras línguas, seja por meio da criação de novos termos na língua em questão, mas tal tarefa não se realizaria em pouco tempo nem com pouco esforço.

BEARZOTI FILHO, P. *Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Manual do professor. Curitiba: Positivo, 2004 (fragmento).

Estudos contemporâneos mostram que cada língua possui sua própria complexidade e dinâmica de funcionamento. O texto ressalta essa dinâmica, na medida em que enfatiza

- A** a inexistência de conteúdo comum a todas as línguas, pois o léxico contempla visão de mundo particular específica de uma cultura.
- B** a existência de línguas limitadas por não permitirem ao falante nativo se comunicar perfeitamente a respeito de qualquer conteúdo.
- C** a tendência a serem mais restritos o vocabulário e a gramática de línguas indígenas, se comparados com outras línguas de origem europeia.
- D** a existência de diferenças vocabulares entre os idiomas, especificidades relacionadas à própria cultura dos falantes de uma comunidade.
- E** a atribuição de maior importância sociocultural às línguas contemporâneas, pois permitem que sejam abordadas quaisquer temáticas, sem dificuldades.

As respostas são, respectivamente, letras E e D. Percebemos que os textos são meramente ilustrativos, já que o estudante poderia responder às questões, sem, sequer, lê-los.

Observamos que as atividades exigem habilidades que vão além das questões referentes ao vocabulário. As questões demonstram uma percepção do dinamismo da língua, principalmente no que refere ao seu léxico. Ainda que não tenhamos chegado ao que se espera, a presença de questões referentes ao léxico no ENEM 2012 é um importante passo, já que o ENEM é um exame que dita habilidades a serem desenvolvidas no ensino.

A cobrança de habilidades referentes ao léxico em um exame como o ENEM é um marco na história do ensino do léxico. Interessante seria se essa mudança partisse das salas de

aula e chegasse às avaliações, e não ao contrário como está acontecendo. Mas já é um grande começo para que se alcance um ensino do léxico nas escolas, uma vez que o ENEM é uma referência nacional das habilidades a serem trabalhadas em sala de aula para uma formação de indivíduos proficientes.

Ainda quanto ao ensino do léxico, vale destacar que este deve se dar de forma efetiva, o que nos faz pensar em um trabalho não só de descobertas soltas de significado, ou seja, descobertas descontextualizadas ou que servem apenas para um contexto determinado. É preciso que sejam desenvolvidas habilidades que considerem o uso efetivo das novas unidades e é importante que se pense em estratégias que considerem a associação entre palavras. O sujeito deve conhecer um item lexical muito além de sua definição, deve conhecer suas propriedades do ponto de vista semântico, sintático e discursivo.

[...] um mesmo item deve ser apresentado aos alunos em diversos contextos e em várias oportunidades, para que eles possam armazená-lo em sua memória de longo tempo. Assim sendo, os exercícios de vocabulário dos livros didáticos de língua portuguesa, limitando-se a indicação de sinônimos ou antônimos de palavras isoladas (mesmo que tenham sido retiradas de um texto) e consideradas uma só vez, não contribuem de maneira eficaz para a ampliação do vocabulário dos alunos, pois o seu pouco contato com essas palavras pode dificultar a interação entre conhecimento novo (novas palavras) e o antigo já armazenado em sua memória (TRÉVILLE e DUQUETTE, apud BEZERRA, 1999).

Mesmo com todas as discussões que se desenvolvem sobre o ensino do léxico, as práticas em sala de aula ainda seguem o modelo criticado por Tréville e Duquette, em que se trabalham sinônimos e antônimos de palavras isoladas e, resumimos o ensino do vocabulário a essas atividades e, sequer, atingindo o estudo no nível do léxico. O ensino do léxico e o trabalho de aquisição lexical vão além de atividades de vocabulário, como as listas de sinônimos, como ressalta Ilari & Cunha Lima(2011):

aprender/ensinar o léxico não é apenas acumular conhecimentos sobre palavras particulares, mas sim adquirir mecanismos de organização, numa situação que lembra o velho provérbio chinês segundo o qual é mais importante ensinar a pescar do que dar o peixe. (ILARI & CUNHA LIMA, 2011, p. 34)

É importante, portanto, que as práticas de ensino relacionadas ao léxico levem em conta a importância de se desenvolver a competência lexical, ou seja, o conhecimento que nos permite gerenciar o que sabemos sobre os itens lexicais. Importa lembrar a relevância de se estabelecer uma progressão no ensino, que deve constar nos programas de ensino da escola, no planejamento das aulas de Língua Portuguesa, observando-se os diferentes níveis de ensino.

## **2.6. Livros didáticos e ensino do léxico**

Inicialmente, é importante ressaltar, como já feito em linhas atrás, que são escassos os trabalhos referentes ao tratamento dado ao ensino do léxico pelos livros didáticos. Sendo o livro didático um dos materiais mais utilizados pelos professores como suporte para as práticas de ensino nas aulas de Língua Portuguesa como língua materna, é necessário, portanto, que o livro esteja adequado às necessidades dos alunos e professores. Tendo o trabalho com o léxico como foco na análise do ensino em sala de aula e, conseqüentemente, nos materiais utilizados para tal prática, percebemos que os aspectos relacionados ao léxico, quando são tratados, ocorrem de forma inadequada e/ou insuficiente. Há, também, uma escassez de trabalhos relacionados ao tratamento dado ao léxico pelos livros didáticos.

As coleções raras vezes utilizam o termo 'léxico', muito menos baseiam suas atividades no estudo do léxico, utilizando, na verdade, atividades voltadas para o ensino do vocabulário. Há uma confusão em relação ao tratamento da nomenclatura 'vocabulário' e 'léxico', tomando-se, muitas vezes, um termo pelo outro. As atividades ora se apresentam relacionadas à aquisição de vocabulário simplesmente, ora se voltam para o desenvolvimento da competência lexical.

Apesar de raras as ocorrências, em livros didáticos de Língua Portuguesa, de atividades pautadas no ensino do léxico, há coleções que começam a se adequar às necessidades reais de um ensino voltado para o desenvolvimento de habilidades que visam à competência lexical. Em algumas coleções, encontramos atividades que levam à reflexão sobre mecanismos relacionados ao léxico da língua, o que pode contribuir para o desenvolvimento dessa competência.

A atividade a seguir, retirada do volume do 9º ano da coleção “Uma proposta para o letramento”, de Magda Soares, ilustra as visíveis modificações que visam ao ensino de tais habilidades. As atividades são relacionadas ao poema “As viagens”, do autor Carlos Drummond de Andrade:

**Figura 13: Atividade ensino do léxico – Fonte: SOARES, 2002, p. 56-57.**

5 Recordem a viagem ao Sol:

“O homem chega ao Sol ou dá uma volta só para **tever**?  
 Não-vê que ele inventa  
 roupa **insiderável** de viver no Sol.  
 Põe o pé e:  
 mas que chato é o Sol, falso touro  
 espanhol domado.”

a. Nesse trecho, o poeta cria duas palavras:

- ... só para **tever** — Qual o sentido dessa palavra?
- ... roupa **insiderável** de viver no Sol.

Descubram o sentido dessa palavra, observando sua formação: do verbo **siderar**, que existe, e quer dizer *fulminar, aniquilar*, o poeta formou o adjetivo que não existe — **insiderável**:

**in- + siderável**

Concluem: o que é uma **roupa insiderável**? Por que, para viver no Sol, seria necessário ter uma roupa insiderável?

- 6 Observem como o poeta dividiu o verbo *colonizar* na sexta estrofe:

“Restam outros sistemas fora  
do solar a **col-**  
**onizar.**”

**Oni-** é um elemento que se junta a palavras para acrescentar a elas o sentido de *tudo, todo*:

**onipresente** = presente em todos os lugares;

**onisciente** = que sabe todas as coisas

- ♦ Em **col-onizar**, o poeta reúne dois sentidos em uma só palavra:

- **colonizar** outros sistemas — qual é o sentido?
- **col-onizar** outros sistemas — qual é o sentido?

- 8 Recordem como o poeta qualifica a *outra viagem*:

“... a difícilíssima **dangerosíssima** viagem...”

A palavra *dangerosíssima* não aparece nos dicionários — é mais uma palavra criada pelo poeta. Descubram o significado dela, observando como foi formada:

**Em francês:**

*studieux*



**Em português:**

estudioso



estudiosíssimo

*courageux*



corajoso



corajosíssimo

***dangereux***



perigoso



perigosíssimo

- ♦ Concluam: qual é o sentido de “**dangerosíssima** viagem”?

Observa-se nos volumes dessa coleção, assim como em volumes de outras poucas coleções, um movimento em direção ao ensino do léxico, com menos características de um ensino restrito à aquisição de vocabulário. Percebe-se uma tendência à redução do número de atividades que se resumem em simples listas, onde são trabalhados apenas aspectos como sinonímia e antonímia, por exemplo, ou mesmo questões relacionadas apenas ao processo de formação de palavras, sem nenhuma reflexão sobre os mecanismos utilizados. Uma mudança, portanto, já pode ser percebida, apesar de constatarmos que há um longo caminho a se percorrer para chegarmos, então, a um ensino adequado do léxico nos livros didáticos de

Língua Portuguesa, que contemple, de forma satisfatória, o desenvolvimento da competência lexical.

## **2.7. Ensino de vocabulário e ensino do léxico**

Segundo os PCN (1998, p. 84), “A escola deve, portanto, organizar situações didáticas para que o aluno possa aprender novas palavras e empregá-las com propriedade.” Os PCN (1998, p. 85) defendem, também, que “Não se trata de estimular o uso de palavras difíceis ou raras, mas de apreciar as escolhas em função da situação interlocutiva e dos efeitos de sentido que se quer produzir.” Esses parâmetros, embora não tratem, diretamente, do ensino do léxico, apresentam aspectos importantes, que não deixam de estar relacionados à competência lexical, quando tratam das escolhas lexicais e dos efeitos de sentido, por exemplo. O termo ‘léxico’ não aparece no documento, provavelmente em decorrência da data de publicação dos PCN, quando a ideia do ensino do léxico não estava tão difundida, entretanto a ideia de um ensino voltado para o léxico já podia ser, discretamente, percebida.

Já no CBC, documento mais recente, adotado no estado de Minas Gerais, o termo ‘lexical’ aparece nos tópicos de conteúdo e habilidades. O conteúdo trazido pelo CBC não foge muito ao que foi apresentado pelos PCN, uma vez que se trata da seleção lexical e efeitos de sentido, além de questões referentes aos neologismos, como pode ser observado nos quadros a seguir:

Figura 14: Conteúdo Léxico CBC – Fonte: CBC, 2005.

TÓPICOS E SUBTÓPICOS DE CONTEÚDO	HABILIDADES E DETALHAMENTO DAS HABILIDADES
<p><b>4. Seleção lexical e efeitos de sentido</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Recursos lexicais e semânticos de expressão: sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia, neologia, comparação, metáfora, metonímia...</li> <li>• Significação de palavras e expressões.</li> <li>• Efeitos de sentido da seleção lexical do texto: focalização temática, ambigüidade, contradições, imprecisões e inadequações semânticas intencionais e não intencionais, modalização do discurso, estranhamento, ironia, humor...</li> </ul>	<p><b>4.0. Usar, produtiva e autonomamente, a seleção lexical como estratégia de produção de sentido e focalização temática, na compreensão e na produção de textos.</b></p> <p>4.1. Inferir o significado de palavras e expressões usadas em um texto.</p> <p>4.2. Reconhecer recursos lexicais e semânticos usados em um texto e seus efeitos de sentido.</p> <p>4.3. Usar, em um texto, recursos lexicais e semânticos adequados aos efeitos de sentido pretendidos.</p> <p>4.4. Identificar, em um texto, inadequações lexicais, imprecisões e contradições semânticas.</p> <p>4.5. Corrigir, em um texto, inadequações lexicais, imprecisões e contradições semânticas.</p> <p>4.6. Produzir novos efeitos de sentido em um texto por meio de recursos lexicais e semânticos.</p>

Figura 15: Conteúdo Neologia CBC – Fonte: CBC, 2005.

<p><b>20. Neologia de palavras</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Neologia semântica: a criação de novos sentidos para palavras, expressões e frases, e seus efeitos de sentido.</li> <li>• Neologia lexical: os processos mais produtivos no português brasileiro atual e seus efeitos de sentido.</li> <li>• Neologia por empréstimo: os estrangeirismos e seus efeitos de sentido.</li> <li>• Derivação: diferenças entre o português padrão (PP) e não padrão (PNP).</li> </ul>	<p><b>20.0. Reconhecer a neologia semântica, a lexical e o empréstimo como processos de criação lingüística.</b></p> <p>20.1. Identificar a origem de neologismos em circulação no português brasileiro.</p> <p>20.2. Identificar o processo de formação de neologismos em circulação no português brasileiro.</p> <p>20.3. Interpretar neologismos em diferentes situações de interlocução.</p>
---	--

O ensino do léxico não pode mais ser confundido com o ensino de vocabulário, como acontece em sala de aula. Esse ensino de vocabulário deve, na verdade, ser substituído pelo

ensino do léxico, que compreende, além da aquisição de novos itens lexicais, o desenvolvimento de mecanismos necessários para lidar com o léxico.

O guia *Dicionários em sala de aula*, documento distribuído às escolas públicas pela Secretaria de Educação Básica, do Ministério da Educação, como produto do PNLD-Dicionários, que trata da relação entre o ensino do léxico e o uso do dicionário escolar, traz considerações sobre a diferença entre o léxico e o vocabulário, no âmbito do ensino:

... o léxico é uma abstração, ou melhor, uma reconstrução teórica do mundo das palavras, a partir de experiências concretas sempre limitadas. Ninguém se depara, no uso cotidiano de uma língua, com *todas* as suas palavras. O que de fato testemunhamos, nas diferentes situações de comunicação, é o vocabulário efetivamente empregado por cada usuário com que temos contato. (RANGEL & BAGNO, 2009, p. 15)

O vocabulário faz parte do léxico. O que importa ressaltar é que o trabalho em sala de aula deve ir além do ensino do vocabulário, que é restrito, e valorizar práticas que levem ao desenvolvimento de competências quanto ao uso dos mecanismos de utilização do léxico, em seu sentido mais amplo. Correia (2011) traz considerações sobre o ensino centrado no léxico e não no vocabulário. A autora defende que as palavras são organizadas de certo modo em nossa mente e que há evidências de que os itens lexicais se organizam em rede, tendo por base os vários tipos de relação que esses itens podem ter entre si. Portanto, de acordo com a referida autora, é adequado que o ensino do léxico se pautem no fato de que há uma relação entre as unidades lexicais armazenadas em nossa mente.

Caberia, então, no ensino de Língua Portuguesa, práticas de ensino voltadas para o ensino do léxico, que levassem em conta o desenvolvimento da competência lexical, que depende também, como afirma Correia (2011), de fatores externos ao próprio indivíduo, como o meio familiar, sociocultural e econômico, sexo, profissão, escolarização, interesse, enfim, sua história de vida. Importante lembrar também que essa competência não se esgota em nenhum momento, ela se desenvolve ao longo da vida.

## 2.8. Unidades fraseológicas e ensino do léxico

Embora haja uma preocupação frequente quanto ao ensino do léxico, principalmente nas discussões em ambiente acadêmico, as mudanças vêm acontecendo lentamente. A ideia de que o léxico não é composto apenas por unidades simples, muitas vezes, não é reconhecida. As unidades léxicas complexas compõem, também, o repertório lexical à disposição do usuário.

Tais unidades - entre as quais podemos citar as colocações, as expressões idiomáticas e os provérbios - são pouquíssimo exploradas no ensino. O ensino do léxico durante as aulas de Língua Portuguesa não tem contemplado essa parcela tão rica do léxico de nossa língua. As unidades léxicas complexas, conhecidas, também, como unidades fraseológicas ou, simplesmente, fraseologismos, aparecem de forma insuficiente, inclusive nos materiais didáticos. Essa ausência de trabalho envolvendo os fraseologismos dá-se por diversos fatores, podendo se destacar a baixa valorização do ensino do léxico em documentos e materiais, que servem de parâmetro para a elaboração dos livros didáticos de Língua Portuguesa e que se destinam, também, à orientação das práticas de ensino.

Os fraseologismos, por constituírem parte essencial do léxico, e em pleno vigor nos diversos discursos a que temos contato no dia a dia, deveriam receber lugar de destaque nas aulas de Língua Portuguesa. Antunes (2012) trata da questão da inserção de tais unidades no ensino do léxico, ao apresentar alguns recursos disponíveis na língua com os quais é possível conseguir certos efeitos de sentido, a partir de escolhas lexicais adequadas. Como um dos recursos citados, lembra:

- o uso de *expressões cristalizadas* [...] podemos incluir o estudo do que se denomina fraseologia, ou seja, o estudo “das combinações estáveis de unidades léxicas constituídas, no mínimo, por duas palavras gráficas e, no máximo, por uma frase completa”, conforme define Henriques (2011: 13). Tais unidades diferem, portanto, das combinações livres, à mercê da escolha de cada um. Fazem parte de nossa fraseologia, expressões como: *modéstia à parte; dar à luz; sem tirar nem pôr; com licença da palavra*; algumas correspondem a fórmulas rituais: *prazer em conhecê-lo; queira me desculpar; feliz aniversário*; outras constituem um acervo dos provérbios populares, tão reveladores de argúcia intuitiva das pessoas, *Em boca fechada não entra mosca; Quem diz o que quer ouve o que não quer; Em terra de cego quem tem olho é rei* etc. (ANTUNES, 2012, p. 45-46)

Vale lembrar que o trabalho de Antunes (2012) é um dos raros em que é tratada a questão do ensino do léxico, principalmente abordando as unidades léxicas complexas. Mostra-nos que passamos por um momento importante no reconhecimento da relevância do ensino do léxico, tanto no que diz respeito às unidades léxicas simples, quanto no que se refere às unidades léxicas complexas, uma vez que o trabalho da citada autora não se insere no campo da lexicologia, é um trabalho voltado para o ensino de Língua Portuguesa, destinado, principalmente, a professores.

O supracitado Guia *Dicionários em sala de aula* é também um exemplo de material em que as unidades léxicas complexas são reconhecidas. Encontram-se, nesse documento produzido no âmbito do MEC, atividades relacionadas aos fraseologismos, como se podem observar os fragmentos a seguir:

**Figura 16: Atividade Ditos e Ditados – Fonte: RANGEL & BAGNO, 2009, p. 114-116.**

## 14. Ditos e ditados

### Objetivo

Familiarizar os alunos com expressões idiomáticas usuais; praticar a busca dessas expressões nos dicionários.

- Prepare a folha de trabalho “Ditos e ditados” (modelo a seguir) e distribua aos alunos, em duplas.
- Peça que cada dupla tente completar (sem usar o dicionário) os provérbios ou as expressões idiomáticas do exercício. Para tanto, podem usar a “cola” na parte inferior da página. Dê a eles de 15 a 20 minutos.
- Passado esse tempo, peça às duplas que verifiquem no dicionário se deram as respostas corretas. No caso de terem deixado lacunas, peça que tentem preenchê-las agora usando o dicionário. (Com isso, os alunos terão de decidir em que verbete procurar - a expressão *em palpos de aranha*, por exemplo, deve estar em “palpo” ou em “aranha”?) Dê entre 20 e 30 minutos para essa atividade.
- Findo o tempo, verifique com toda a turma os resultados.

- Quantas duplas conseguiram completar todas as lacunas?
  - Quais as que ficaram em branco?
  - Quais as expressões que não foram encontradas em nenhum dicionário?
  - Em que seção do verbete aparecem as expressões? Nas definições, nos exemplos, em lugar próprio para elas?
  - O que significa cada uma dessas expressões?
  - Quais as expressões que os alunos já conheciam? Quais representam novidade para eles?
  - Que outras expressões os alunos conhecem e acham curiosas ou engraçadas?
  - Quais as expressões desse tipo que circulam em sua família e/ou comunidade? Quem as usa com mais frequência?
- Como tarefa para casa, você pode pedir aos alunos que produzam pequenos textos em que essas expressões se encaixariam. Ou que procurem, em algum texto (jornal, revista, publicidade etc.), expressões semelhantes a essas.

#### DITOS E DITADOS

Todas as frases a seguir contêm ditos, provérbios e expressões idiomáticas muito comuns no português brasileiro. Complete as que você conhece. Tente completar as outras, usando algumas das palavras que aparecem no rodapé desta folha.

1. Márcia vive repetindo que seu apartamento novo custou os \_\_\_\_\_ da cara.
2. Você é mesmo um exagerado, vive fazendo \_\_\_\_\_ em copo d'água!
3. Pedro tentou levar vantagem naquele negócio, mas o tiro acabou saindo pela \_\_\_\_\_.
4. Para enfrentar essa situação, vamos ter de fazer das \_\_\_\_\_ coração.
5. É aí que a \_\_\_\_\_ torce o rabo!
6. Está na hora de esclarecer tudo e de pôr os pingos nos \_\_\_\_\_.
7. Poupe seus esforços nesse caso, porque de nada vai adiantar dar \_\_\_\_\_ em ponta de faca.
8. Ninguém aqui me leva a sério... Bem que o povo diz: \_\_\_\_\_ de casa não faz \_\_\_\_\_.
9. Eu sei como essa máquina funciona, não venha querer \_\_\_\_\_ o padre-nosso ao \_\_\_\_\_.
10. Paulo gosta sempre de dizer que a vida dele é um \_\_\_\_\_ aberto.
11. Dizem que essa moça sofreu muito, coitada: comeu o \_\_\_\_\_ que o \_\_\_\_\_ amassou.
12. O Ari mora muito longe, lá onde Judas perdeu as \_\_\_\_\_.
13. Aqui todo mundo está muito irritado, por isso estou sempre \_\_\_\_\_ em ovos.
14. Nessa cidade tem restaurante bom a \_\_\_\_\_ com o pau.
15. Aqueles dois vizinhos vivem em \_\_\_\_\_ de guerra.
16. Ela foi acreditar em promessas falsas e acabou ficando a ver \_\_\_\_\_.
17. O teatro estava lotado, com gente saindo pelo \_\_\_\_\_.
18. Nossa empresa está indo de vento em \_\_\_\_\_.
19. Ela anda falando mal de você a \_\_\_\_\_ e a direito.
20. O Geraldo está sempre com a cabeça no \_\_\_\_\_ da lua.

mãos tempestade olho rim culatra coroa tripa perna avião  
 rua calçada navio bota calcanhar livro caderno pente porca  
 pata berro murro chaminé casa dado anjo castelo deus  
 santo árvore mar diabo pó pão torto fazer ladrão falar ai  
 dar conta milagre pé joelho ensinar padre vela começar ser  
 vigário horário ladrão terra mundo popa pisar céu mundo ver

*Respostas:* 1 olhos, 2 tempestade, 3 culatra, 4 tripas, 5 porca, 6 is, 7 murro, 8 santo/milagre, 9 ensinar/vigário, 10 livro, 11 pão/diabo, 12 botas, 13 pisando, 14 dar, 15 pé, 16 navios, 17 ladrão, 18 popa, 19 torto, 20 mundo.

O Guia *Dicionários em sala de aula* representa uma importante iniciativa do MEC no que diz respeito ao ensino do léxico, juntamente com o programa que o originou, O PNLD – Dicionários, que constitui uma extensão do PNLD. Esse manual, distribuído gratuitamente às escolas, apresenta orientações importantes sobre o uso do dicionário escolar como ferramenta didática para o trabalho com o léxico na sala de aula. Infelizmente, poucas vezes chegam às mãos dos professores, e os dicionários, que constituem materiais valiosos para o ensino do léxico, conseqüentemente, são subutilizados, deixando de contribuir para as práticas de desenvolvimento das habilidades relacionadas ao léxico.

Apesar da pouca consideração, em materiais didáticos destinados ao ensino de Língua Portuguesa, pode-se observar que há um esforço para que os fraseologismos ganhem espaço. Podemos afirmar, portanto, que o ensino de Língua Portuguesa vem evoluindo aos poucos, com o avanço das novas concepções trazidas pelas ciências linguísticas, como destaca Antunes (2003):

As novas concepções da linguística – que na verdade, já não são tão novas assim – podem nos fazer ver o fenômeno da língua muito além das teias gramaticais, com horizontes bem mais amplos, bem mais fascinantes, bem mais humanos, no sentido de que refletem os usos das pessoas em sociedade, isto é, a língua que a gente usa no dia-a-dia. (ANTUNES, 2003, p. 174)

As unidades fraseológicas são parte dessa ‘língua que a gente usa no dia a dia’, por isso o estudo sobre elas é de grande relevância, especialmente na sala de aula, onde é possível explorar diversos aspectos dessas combinatórias fixas, muitas das quais já pertencentes ao repertório lexical dos próprios alunos. Dessa forma, é possível desenvolver um bom trabalho a partir dessas unidades, visando uma melhor compreensão da linguagem figurada encontrada em diversos textos e aperfeiçoando o repertório lexical dos alunos do Ensino Fundamental.

## 2.9. Competência lexical e competência discursiva

O desenvolvimento da competência lexical é um fator não só importante, mas essencial para que o sujeito possa fazer uso adequado da língua em suas interações. A partir de um maior conhecimento do léxico, o sujeito estará apto a fazer escolhas lexicais que melhor se adequam aos seus discursos, além de estar bem preparado para compreender os discursos que lhe são apresentados e de estar, também, bem preparado para uma possível interação.

Ilari & Cunha Lima(2011) nos lembra que o aprendizado do léxico se dá na prática, de maneira contextualizada; por esse motivo a descrição deve vir depois e deveria ter necessariamente um caráter de sistematização do que já foi adquirido em relação à competência lexical.

Ilari & Cunha Lima (2011) tece, ainda, considerações sobre a ideia difundida pela linguística chomskiana de que conhecer a gramática de uma língua não é o mesmo que conhecer todas as sentenças gramaticais da língua. Outra ideia difundida pela linguística chomskiana é de que a compreensão da gramática é um conhecimento implícito. Trazendo essas considerações para o âmbito do léxico, pode-se distinguir duas noções, segundo o referido autor:

a de léxico enquanto inventário de palavras e a de léxico enquanto competência lexical, ou seja, enquanto conhecimento implícito que nos permite gerenciar o que sabemos sobre itens lexicais particulares. Uma hipótese razoável é que, até certa idade (que não nos preocupamos em delimitar precisamente e que pode variar de indivíduo para indivíduo), adquirimos o domínio de todos os mecanismos necessários para lidar com o léxico; a partir disso, o que acontece é apenas a aquisição de itens lexicais novos (ou de novos sentidos para itens lexicais mais antigos). (ILARI, 2011 & CUNHA LIMA, p. 15)

Com toda a discussão, em vigor, sobre o ensino de língua e novas estratégias para um ensino que visa às habilidades em leitura e escrita, torna-se evidente a importância do desenvolvimento de capacidades que visem tanto à aquisição lexical, quanto ao desenvolvimento da competência lexical, uma vez que essa competência está diretamente relacionada à proficiência em leitura e produção textual, conseqüentemente, estando ligada também à competência discursiva.

Materiais didáticos de apoio, como livros didáticos que contemplem o ensino do léxico, dicionários e demais manuais disponíveis nas escolas, contribuem para o desenvolvimento dessas competências, que resultarão em um melhor desempenho no tratamento com textos orais e escritos.

O papel do professor é essencial no processo de aquisição lexical, mas principalmente no desenvolvimento de práticas que levem a uma melhor compreensão do funcionamento do léxico, ou seja, que levem ao desenvolvimento de habilidades relacionadas à competência lexical. O professor precisa estar bem preparado, para que possa utilizar, da melhor forma, as ferramentas disponíveis, adequando-as aos níveis de ensino e acrescentando, quando necessário.

Ao conhecer melhor as palavras e suas situações de uso, conhecemos melhor a nossa língua e podemos fazer melhor uso dela nas mais diversas situações discursivas, tornando-nos sujeitos mais competentes.

O ensino de Língua Portuguesa voltado para o desenvolvimento da competência lexical é um grande desafio para professores do Ensino Fundamental, uma vez que cabe à escola promover o letramento (SOARES, 2004), que está diretamente relacionado à competência discursiva. É importante que o professor de Língua Portuguesa disponha de diferentes estratégias de ensino para que seu projeto possa ser desenvolvido com maior sucesso.

## **2.10. Os provérbios e o ensino do léxico**

A respeito da relação entre léxico e cultura, Ferraz (2006) afirma:

As relações entre léxico e cultura, léxico e sociedade, são, indubitavelmente, muito fortes, considerando-se que o léxico, com seu estatuto semiótico, é o elemento da língua de maior efeito extralinguístico por se reportar, em grande parte de seu conjunto a um mundo referencial, físico, cultural, social e psicológico, em que se situa o homem. (FERRAZ, 2006, p. 219-220)

Os provérbios são unidades fraseológicas que fazem parte do folclore e da cultura dos povos, sendo transmitidos de geração para geração, principalmente pela linguagem oral, e

constituindo-se como parte importante do léxico da língua. As expressões proverbiais auxiliam na comunicação, uma vez que podem ser utilizadas com diversos objetivos: consolar, advertir, praguejar, etc.

Por seu caráter fortemente popular, o provérbio na maioria das vezes não é incluído no estudo do léxico em sala de aula, ficando de fora também dos materiais didáticos utilizados, durante as aulas de Língua Portuguesa, o que ocorre também com os demais fraseologismos, como já argumentado. A ocorrência de atividades envolvendo provérbios no ensino de Língua Portuguesa ainda é bem pequena, se considerada a importância de se utilizar essas expressões, que constituem, indubitavelmente, uma grande riqueza do léxico de nossa língua. Costumam aparecer com mais frequência em fábulas, quando é explorada somente a moral presente na expressão proverbial.

Os provérbios representam recursos valiosíssimos da língua, podendo substituir grandes discursos, resumindo-os, devido à sua forma sucinta e completa. Esses enunciados, por serem expressões cristalizadas e consagradas pela comunidade linguística, gozam de certa autoridade, possuem poder dentro do discurso, servindo, até mesmo, como o próprio discurso completo.

O trabalho com o provérbio em sala de aula é muito importante, uma vez que esse enunciado é parte indispensável do léxico da língua e funciona como uma ferramenta no discurso. O estudo do léxico pode se tornar mais interessante e atrativo para crianças e adolescentes, que, então, poderão reconhecer os provérbios como parte da língua utilizada em seu meio e utilizá-los de forma a contribuir para o seu melhor desempenho na comunicação. Como salienta Pauliukonis (2005: 103): “O objetivo maior do ensino do léxico, em sentido amplo, é fazer o aluno apropriar-se adequadamente dos vários sentidos das palavras e retirar os melhores efeitos do uso dos vocábulos nos diversos textos, o que resultaria numa eficaz comunicação textual.”

São vários os motivos para se desenvolver um trabalho em sala de aula a partir dos provérbios. Além de fazer parte do cotidiano dos alunos, eles são expressões presentes na língua, que servem para diferentes fins, podendo ser utilizados em diversas situações, inclusive como elementos de persuasão. Há casos de utilização de provérbios até mesmo em tribunais, como forte instrumento persuasivo, por possuírem uma grande força nos discursos, principalmente por representarem um pensamento coletivo.

Outra característica a ser explorada no ensino a partir dos provérbios é a linguagem conotativa. Essas expressões possuem, em sua maioria, um grau elevado de conotação, importante de ser trabalhado com os alunos, tendo em vista o grande desafio em se trabalhar a

linguagem figurada nas aulas de Língua Portuguesa. Alunos do Ensino Fundamental possuem dificuldade, ao se depararem com expressões que demandam um maior grau de interpretação, exigindo que se faça um caminho da linguagem conotativa para se chegar ao sentido sugerido pelo texto.

Esse trabalho, além de desenvolver uma maior habilidade de interpretação da linguagem figurada, contribui também para o desenvolvimento da competência lexical, uma vez que os provérbios fazem parte do léxico da língua, tendo papel importante no discurso. Com isso, os alunos poderiam se apropriar melhor das possibilidades da língua e adquirir um melhor desempenho na comunicação textual.

Propostas de atividades envolvendo provérbios nas aulas de Língua Portuguesa, sem dúvida, contribuem para o desenvolvimento da competência lexical e discursiva dos alunos, além de valorizar seus costumes, a sabedoria popular, sua língua, seu folclore e sua cultura, aproximando, assim, o trabalho desenvolvido em sala de aula com a sua realidade, com o mundo do qual eles fazem parte, conectando o que é desenvolvido na escola às suas práticas sociais.

## CAPÍTULO III

### O LUGAR DOS PROVÉRBIOS NO LDP

#### 3.1. A coleção

A coleção *Português: uma proposta para o letramento* foi elaborada por Magda Soares, uma precursora no Brasil no que tange aos estudos de letramento, que a autora define na própria coleção como “estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, MAS exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral.” (2002, p. 6 – *Sobre esta coleção*)

*Português: uma proposta para o letramento* é a única coleção, das que constam no Guia PNLD 2011, que apresenta o gênero ‘provérbio’ como texto a ser estudado nos últimos anos do Ensino Fundamental, o que justifica a escolha da coleção para o trabalho.

A autora Magda Soares, a partir da coleção, defende a ideia de se ter o letramento como fundamento e finalidade do ensino de Língua Portuguesa. As práticas de leitura e produção textual para o uso social seriam o principal objetivo do estudo da língua no ambiente escolar.

A coleção explicita a intenção do uso da concepção de língua como discurso, como processo de interação (inter-ação), em que os interlocutores vão construindo sentidos e significados, lembrando que a própria proposta de letramento pressupõe tal concepção. A coleção em questão é destinada a alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental (6º, 7º, 8º e 9º ano) e faz parte das coleções indicadas pelo MEC, para distribuição gratuita às escolas brasileiras de ensino público.

No Manual do professor, encontramos uma seção destinada aos fundamentos da coleção: *Sobre esta coleção*. Nela podemos encontrar considerações sobre vocabulário e léxico, em que a autora não explicita a diferença entre os dois termos, mas demonstra acreditar que se trata de aspectos diferentes.

A coleção é dividida em quatro volumes, cada volume é destinado a uma série dos quatro anos finais do Ensino Fundamental. Cada volume é dividido em quatro unidades, que trazem um tema. A partir de diferentes gêneros textuais, o tema é trabalhado e desenvolvido. São utilizados textos de diversos gêneros, priorizando-se aqueles mais frequentes ou mais necessários nas práticas de leitura e de produção textual. A coleção utilizada inclui o gênero

provérbio, trazendo atividades envolvendo esse gênero textual em dois de seus volumes. Mesmo com todo o desenvolvimento sobre o léxico e sobre a importância do trabalho com as unidades lexicais complexas, a única coleção do Guia PNLD 2011 que apresenta o trabalho com provérbios é a coleção *Português: uma proposta para o letramento*.

As atividades desenvolvidas nos volumes da coleção visam à participação efetiva e competente das crianças e jovens na vida social e cultural do país, através do desenvolvimento de conhecimentos e habilidades específicas e também à sua plena integração nas práticas sociais, culturais, profissionais. Para tanto, a coleção busca uma construção progressiva e contínua da competência linguística, desenvolvendo habilidades de uso da língua – oral e escrita – e conhecimentos que fundamentem e enriqueçam essa competência, aumentando, portanto, o nível de letramento dos alunos, pois já não basta apenas alfabetizar, é necessário desenvolver o letramento.

### **3.2. Análise das atividades da coleção**

Os provérbios são encontrados nos volumes do 7º ano e do 9º ano. O volume destinado ao 7º ano apresenta um grande número de atividades envolvendo os provérbios, enquanto no volume do 9º ano é encontrada apenas uma atividade que trata de provérbios em uma proposta de produção de texto.

Importante destacar que reconhecemos a dificuldade, ao se produzir uma coleção de livros didáticos, de se fazer uma abordagem satisfatória de todos os aspectos da língua, uma vez que os autores de coleções dificilmente dominam todos os aspectos. No caso da coleção *Português: uma proposta para o letramento*, devemos nos atentar ao fato de se referir a uma coleção que possui apenas uma autora.

A primeira atividade do volume do 7º ano, relacionada a provérbios, encontra-se na Unidade 2, intitulada “O que é... pode não ser”. O provérbio é apresentado como um dos gêneros textuais a partir dos quais será discutido o tema da unidade. Ele se encontra nessa unidade justamente pelo fato de ser um enunciado que pode ser interpretado na sua forma literal ou na sua forma figurada. Além disso, serão trabalhados antipróvérbios, que podem contestar as verdades defendidas nos provérbios consagrados por uma comunidade linguística.

**Figura 17: Conceito provérbio LDP – Fonte: SOARES, 2002, p. 100.**

Vocês com certeza conhecem e usam *provérbios*.

Leiam e discutam, com a orientação do professor, o conceito de *provérbio* apresentado no verbete, e o sentido dos dez provérbios enumerados abaixo. Citem situações em que cada um poderia ser usado.

**provérbio** S.m. Máxima ou sentença de caráter prático e popular, comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagens.

*Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.*  
3. ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo, 2004, p. 1650.

A atividade se inicia, partindo da ideia de que os alunos conhecem e utilizam provérbios. Em seguida, é apresentada uma definição de provérbio, retirada de um dicionário comum da Língua Portuguesa, ou seja, não se trata de um dicionário especializado. O conceito trazido pelo dicionário não traz informações suficientes para se caracterizar os provérbios, diferenciando-os dos demais fraseologismos, como as expressões idiomáticas, por exemplo. É certo que o conceito não poderia ser dado também em termos técnicos, levando em conta o nível de ensino de que tratamos, porém uma delimitação mais adequada poderia evitar futuras confusões no entendimento dos fraseologismos.

Após a apresentação desse breve conceito de provérbio, são apresentados alguns desses enunciados, que serão trabalhados em atividades seguintes.

**Figura 18: Provérbios LDP 7º ano – Fonte: SOARES, 2002, p. 100.**

1. Quem diz o que quer ouve o que não quer.
2. De grão em grão a galinha enche o papo.
3. Santo de casa não faz milagre.
4. Águas passadas não movem moinho.
5. Cesteiro que faz um cesto faz um cento.
6. Quem ama o feio bonito lhe parece.
7. O hábito não faz o monge.
8. O diabo não é tão feio quanto se pinta.
9. Pelo dedo se conhece o gigante.
10. À noite todos os gatos são pardos.

Vocês vão ler um texto do grande humorista brasileiro **Millôr Fernandes**, que vê com **humor** esses dez provérbios.

A escolha lexical dos provérbios apresentados leva em conta o tipo de linguagem contemporânea, apesar de uns se aproximarem mais desse tipo de linguagem do que outros, que são, inclusive, menos usuais. Os provérbios acima podem ser analisados também quanto à linguagem menos conotativa ou mais conotativa. Podemos observar que o provérbio “De grão em grão a galinha enche o papo” é altamente conotativo, enquanto “Quem diz o que quer ouve o que não quer” é fracamente conotativo. Os provérbios são apresentados como uma forma de introdução para o texto “Provérbios modernizados”, de Millôr Fernandes, em que o autor faz uma ‘crítica’ quanto à linguagem utilizada nos provérbios.

**Figura 19: Provérbios modernizados – Millôr Fernandes LDP 7º ano**  
**Fonte: SOARES, 2002, p. 101.**

*O professor vai ler em voz alta o primeiro parágrafo do texto. Acompanhem a leitura no livro.*

## PROVÉRBIOS MODERNIZADOS

*Millôr Fernandes*

No sentido de aprimorar cada vez mais a linguagem de nossos leitores, apresentamos aqui alguns conhecidíssimos provérbios, tendo o cuidado de **vazá-los** para linguagem mais digna e menos **obsoleta** do que aquela em que usualmente são apresentados. Veja o leitor se consegue descobrir, dentro desta roupagem nova, o provérbio velho.

**Modelá-los, moldá-los.**

**Antiquada.** Na atividade de Vocabulário, você vai aprender mais sobre esta palavra.

O autor sugere uma ‘nova roupagem’, que seria uma espécie de ‘tradução’ dos provérbios, na qual se utilizaria o significado real de cada um dos itens que compõem o provérbio. Essa ‘tradução’ leva à total perda das características do provérbio enquanto fraseologismo, uma vez que seu sentido não pode ser obtido a partir da soma dos significados isolados de cada item lexical. Seu sentido só pode ser alcançado a partir do seu significado global, ou seja, da soma de todos os seus itens.

A ‘roupagem nova’ refere-se à linguagem real, enquanto a ‘roupagem velha’ refere-se à linguagem figurada.

**Figura 20: Atividade 1 LDP 7º ano- Fonte: SOARES, 2002, p. 101.**

① Qual é a opinião do autor sobre a linguagem dos provérbios?  
É pouco digna e obsoleta, antiquada.

② A introdução do texto permite que vocês prevejam o que é que o autor vai fazer com os provérbios: o que é? Apresentá-los em outra linguagem, mais digna, menos obsoleta, dar a eles uma roupagem nova.

③ O autor anuncia que vai dar uma “roupagem nova” para “provérbios velhos”.

a. A expressão “roupagem nova” é uma imagem para designar o quê?  
A linguagem modernizada em que ele vai apresentar os provérbios.

b. Para o autor, como é a *roupagem* dos “provérbios velhos”?  
Antiquada.

A atividade de interpretação do texto leva a uma reflexão sobre a linguagem dos provérbios. É possível que se pense na questão da contemporaneidade da linguagem em alguns casos e o que leva os provérbios, por vezes, a apresentarem uma linguagem menos contemporânea. Essa linguagem menos contemporânea, presente nos discursos atuais, mostra a força dos provérbios, que são também ensinamentos passados de geração em geração, cristalizados e consagrados por uma comunidade linguística, presentes, portanto, em seu folclore e em sua cultura.

Os provérbios apresentados na atividade acima não possuem uma linguagem tão obsoleta assim. O próprio provérbio é que muitas vezes traz uma ideia já não tão difundida na atualidade, traz ideias de costumes que não são mais comuns e usuais, como em “Águas passadas não movem moinhos”, “Cesteiro que faz um cesto faz um cento” e “O hábito não faz o monge”. Outros possuem uma linguagem que poderia ser classificada como mais contemporânea, por trazerem costumes ainda em prática, como em “Quem diz o que quer ouve o que não quer”, “Quem ama o feio bonito lhe parece” e “À noite todos os gatos são pardos”.

Observa-se, também, que quanto menor o grau de conotação, mais contemporânea parece a linguagem desses provérbios, já que não são utilizados vocábulos obsoletos, e sim ideias obsoletas.

A seguir estão os provérbios modernizados sugeridos pelo autor Millôr Fernandes. Os alunos devem conseguir identificar a qual provérbio tradicional cada um deles se refere.

**Figura 21: Provérbios roupagem nova – Millôr Fernandes LDP 7º ano**  
**Fonte: SOARES, 2002, p. 102-103.**

*Leiam agora os provérbios em “roupagem nova” apresentados por Millôr Fernandes.*

*Cada provérbio deve ser lido em voz alta por um aluno. Após a leitura de cada um, discutam e descubram, na lista dos dez provérbios da p. 100, qual “provérbio velho” corresponde ao “provérbio modernizado” proposto por Millôr.*

- (4) 1. A substância inodora e incolor que já se foi não é mais capaz de comunicar movimento ou ação ao engenho especial para triturar cereais.
- (6) 2. Aquele que se deixa prender sentimentalmente por criatura inteiramente destituída de dotes físicos, de encanto, ou graça, acha-a extraordinariamente dotada desses mesmos dotes que outros lhe não veem.
- (5) 3. O artífice ou operário que fabrica um cabaz fundo fabrica vinte vezes o quántuplo disso.
- (2) 4. De unidade de cereal em unidade de cereal a ave de crista carnuda e asas curtas e largas da família das galináceas abarrotada a bolsa que existe nessa espécie por uma dilatação do esôfago e na qual os alimentos permanecem algum tempo antes de passarem à moela.
- (8) 5. O Espírito das Trevas não é tão destituído de encantos e graças físicas quanto se o representa por meio de traços e cores.

- (1) 6. Aquele que anuncia por palavras tudo que satisfaz ao seu ego, tende a perceber pelos órgãos da audição coisas que não se destinam a aumentar-lhe o sentimento de euforia.
- (9) 7. Por cada um dos prolongamentos articulados em que terminam os pés e mãos do homem e outros animais se estabelece a identidade do ser de estatura descomunal.
- (10) 8. Quando o sol está abaixo do horizonte a totalidade dos animais domésticos da família dos felídeos são de cor mescla entre branco e preto.
- (7) 9. O traje característico que usa não identifica fundamentalmente a pessoa que por fanatismo, misticismo ou cálculo se isola da sociedade levando vida austera e desligada das coisas mundanas.
- (3) 10. A criatura canonizada que vive em nosso próprio lar não é capaz de produzir feito extraordinário que vá contra as leis fundamentais da natureza.

*Lições de um ignorante.* São Paulo: Círculo do Livro, 1982, p. 58-59. (Fragmento).

Nessa atividade, os provérbios foram totalmente desconstruídos, quando interpretados de forma literal. A decomposição dos elementos que o constituem e a soma dos significados de cada um dos itens isolados desfez a composicionalidade dos provérbios. A partir do aspecto da lexicalização dos fraseologismos, de modo geral, afirmamos que o sentido de um provérbio só poderá ser obtido pela soma de todos os itens que o compõem. De alguma forma, fazendo toda essa desconstrução, pode ser notada a importância do aspecto da lexicalização para a compreensão dos provérbios. E eles podem, então, serem percebidos como uma unidade lexical complexa e, portanto, indecomponível.

A atividade abaixo propõe que os alunos identifiquem o significado de cada um dos itens.

**Figura 22: Atividade 2 LDP 7º ano – Fonte: SOARES, 2002, p. 103.**

- ① Recorde o que disse Ziraldo sobre o humor (p. 100) e explique: por que há **humor** na maneira como Millôr apresenta os *conhecidíssimos provérbios*? Porque ele apresenta os provérbios em linguagem formal, erudita, por isso inesperada e não convencional para provérbios, que têm caráter prático e popular e são sempre expressos de forma sucinta.
- ② Identifique as expressões que, nos *provérbios modernizados*, substituem as seguintes palavras dos *provérbios velhos* (orientar-se pelos exemplos apresentados abaixo).

### Verbos

amar  
pintar  
dizer  
ouvir

### Substantivos

cesteiro    diabo  
grão        dedo  
galinha    gatos  
papo        milagre

EXEMPLOS:	
Provérbio velho	Provérbio modernizado
mover	→ comunicar movimento ou ação
moinho	→ engenho especial para triturar cereais

A atividade mostra a forma como foi possível se chegar à tradução literal dos provérbios a partir do significado de cada item lexical que o constituía.

Continuando com o exercício de decompor todo o provérbio a fim de se chegar ao seu significado literal, são propostas mais atividades.

**Figura 23: Atividade 3 LDP 7º ano – Fonte: SOARES, 2002, p. 104.**

- ③ Releia o verbete **provérbio**, na p. 100: segundo o verbete, provérbios são expressos **em forma sucinta**, isto é, com poucas palavras, em **linguagem concisa** (resumida, condensada).

Millôr Fernandes reescreve os provérbios em **linguagem prolixa**, isto é, extensa, com excesso de palavras, com muitos detalhes e minúcias.

Tente fazer como Millôr: escreva em **linguagem prolixa** os dois provérbios abaixo — para o primeiro, são oferecidas sugestões; quanto ao segundo, descubra você mesmo como substituir as palavras do provérbio *velho*.

- a.** Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

Sugestões:

- água* → líquido inodoro e incolor  
*mole* → que cede facilmente à compressão  
*pedra* → matéria mineral sólida  
*dura* → difícil de penetrar  
*bate* → dá numerosas pancadas sucessivas  
*fura* → forma uma cavidade na superfície externa

- b.** Gato escaldado tem medo de água fria.

Essas atividades, além de trabalharem conceitos como “linguagem sucinta” e “linguagem prolixa”, mostra novamente a desconstrução do provérbio e a importância de se alcançar um significado global de uma unidade léxica complexa para que seja possível a sua compreensão. Nesse exercício, porém, os próprios alunos irão em busca do significado de cada item lexical. O livro sugere que, para a realização do trabalho, seja utilizado um dicionário.

Trabalhando-se a questão da concisão da linguagem dos provérbios, fica clara a vantagem em se utilizar uma linguagem mais sucinta e direta, que acaba por alcançar o objetivo discursivo desejado, de forma econômica e compreensível. Fica claro, também, o

quanto o provérbio pode se tornar uma ferramenta discursiva eficiente no repertório lexical do falante.

A próxima atividade refere-se a uma proposta de produção de texto, na qual os alunos devem fazer a análise de alguns provérbios, observando seu sentido, pensando nas situações de uso e produzindo antipróverbios.

**Figura 24: Atividade 4 LDP 7º ano – Fonte: SOARES, 2002, p. 106-108.**

*Antes de realizar a produção de texto, leiam a atividade e discutam com a orientação do professor.*

Em geral, as pessoas aceitam os provérbios como expressão da verdade e de sabedoria e os usam para aconselhar ou alertar os outros, para explicar ou comentar um acontecimento.

Mas... será que os provérbios estão sempre certos? Por exemplo, a pessoas ansiosas e impacientes para conseguir alguma coisa, costuma-se aconselhar ou alertar com o provérbio:

Quem corre cansa.

Mas... e quem não corre e chega tarde, perdendo a oportunidade de conseguir o que queria?

Esse provérbio poderia ser transformado em seu contrário, num **antipróverbo**:

- Quem corre chega primeiro.
- Quem não corre não chega a tempo.
- Quem não corre chega tarde e perde a oportunidade.

① O professor vai dividir a turma em grupos.

Com a orientação do professor, cada grupo escolhe um provérbio entre os seguintes:

- Quem tudo quer tudo perde.
- Devagar se vai ao longe.
- Antes tarde do que nunca.
- Cão que ladra não morde.
- Quem espera sempre alcança.
- Quem vai na frente bebe água limpa.
- Muita trovoada é sinal de pouca chuva.

② Cada grupo deve discutir e escrever, em conjunto:

- o sentido do provérbio escolhido;
- exemplos de situações a que o provérbio se aplicaria;
- exemplos de situações a que o provérbio **não** se aplicaria;
- um provérbio que diga o contrário do provérbio escolhido: um **antiprovérbio**.

③ Cada grupo lê, para o professor e a turma, sua análise do provérbio escolhido.

④ Após a apresentação dos grupos, discutam e avaliem:

- ◆ Que grupos viram de forma mais completa os dois lados do provérbio — situações a que ele se aplica e situações a que ele não se aplica?
- ◆ Que grupos apresentaram os **antiprovérbios** mais interessantes, mais criativos?
- ◆ A que conclusões a turma chega a respeito das “verdades” que os provérbios pretendem expressar?

Na tentativa de contestar a verdade defendida pelo provérbio, é apresentado aos alunos o antiprovérbio, também chamado de improvérbio. O antiprovérbio é uma criação, que desmente um provérbio, que contesta o seu caráter de verdade absoluta. Embora não seja apresentado o conceito de antiprovérbio, seu significado fica evidente para que os alunos possam desenvolver os exercícios.

Os provérbios disponibilizados para a atividade são provérbios de fácil entendimento e mais comuns nos discursos, principalmente orais. Nessa atividade, os provérbios, em sua maioria, apresentam uma linguagem fracamente conotativa, o que facilita seu entendimento.

Pode-se observar que a atividade proposta visa ao desenvolvimento de habilidades de uso dos provérbios. Trata-se de provérbios certamente conhecidos pelos alunos, de linguagem simples e contemporânea, que estão disponíveis para uso em diferentes discursos. Apesar de possuírem uma linguagem mais contemporânea, no provérbio “Cão que ladra não morde”, há um vocábulo em desuso, o verbo ‘ladrar’, que não é usado comumente, e significa latir.

Apesar disso, o provérbio como um todo é bastante difundido e não apresenta dificuldade de entendimento. O fato de alguns provérbios apresentarem vocábulos em desuso pode também ser uma boa oportunidade de se trabalhar outras questões relacionadas ao léxico.

Os exercícios dessa atividade facilitam o entendimento dos alunos quanto ao sentido dos provérbios, sua utilização em situações discursivas diversas e, ainda, a criação de um novo provérbio que contradiga a verdade por ele expressa.

Conhecer a situação de uso de um provérbio é um exercício importante. No esforço em contribuir para a ampliação do repertório lexical dos alunos, é necessária a aplicação da nova unidade para que facilite seu acesso no momento do discurso. E o exercício de se pensar e elaborar um novo provérbio é também interessante, já que, ao elaborá-lo, os alunos estão produzindo um contra-argumento para um argumento imposto pelo provérbio, o que desenvolve habilidades linguísticas e discursivas.

Quanto à imagem criada pelos provérbios, ou seja, a linguagem conotativa, o livro do 7º ano apresenta, ainda, uma atividade reflexiva a respeito:

**Figura 25: Atividade 4 LDP 7º ano – Fonte: SOARES, 2002, p. 108-109.**

A definição de **provérbio** que o dicionário dá — releia o verbete apresentado na p. 100 — resalta que os provérbios são, em geral, expressos em forma rica em **imagens**.

① Considere este provérbio:

De grão em grão a galinha enche o papo.

- a. Suponha que você está observando uma galinha faminta catando grãos de milho esparsos no terreiro; você poderia dizer esta frase:

De grão em grão a galinha enche o papo.

- Que sentido teria essa frase nessa situação?

- b. Imagine que você está juntando dinheiro pouco a pouco, de real em real, para comprar algo que deseja. Se alguém comentasse que o dinheiro que você guarda de cada vez é muito pouco, você poderia responder com o provérbio:

De grão em grão a galinha enche o papo.

- Que sentido teria essa frase nessa situação?

- c. Conclua: no provérbio “De grão em grão a galinha enche o papo”, *grão* é uma **imagem** que representa o quê? *Encher o papo* é uma **imagem** para representar o quê?

Grão = pequenas coisas, pequenas vantagens, pequenas conquistas. Encher o papo = obter sucesso, conseguir o que se deseja.

A atividade retoma o conceito de provérbio, chamando a atenção para o fato de este geralmente ser rico em imagens. Esse exercício leva ao entendimento da diferença entre a linguagem conotativa e a linguagem denotativa. É de extrema importância que esse tipo de atividade seja trabalhado com alunos em nível de 7º ano, pois o entendimento da linguagem conotativa é muitas vezes um obstáculo para alunos desse nível de ensino.

Essa atividade evidencia a questão da criação de imagens a que nos levam os provérbios. Para o desenvolvimento dos exercícios, é dado o provérbio “De grão em grão a galinha enche o papo”, já utilizado em uma atividade anterior. A partir do provérbio, as atividades propostas têm como objetivo levar os alunos a o entenderem de duas maneiras: em sua forma literal e figurada. Para tanto, são apresentadas duas situações.

A partir das duas situações com um mesmo provérbio para representá-las, a atividade tenta fazer com que os alunos concluam que há uma relação entre o sentido real de um provérbio e o seu sentido figurado, que pode ser utilizado para diferentes situações. O ‘grão’ pode representar diferentes coisas ou objetos, enquanto ‘encher o papo’ pode, também, representar diferentes resultados, nos mais diversos contextos.


Esse exercício mostra que, tendo consciência de como se estabelece essa relação entre as imagens, os alunos sentem maior facilidade para utilizar os provérbios. Fica claro que o provérbio é, sim, mais um recurso linguístico apto a ser utilizado em diferentes situações discursivas.

**Figura 26: Atividade 5 LDP 7º ano – Fonte: SOARES, 2002, p. 109.**

② Millôr Fernandes fez humor com os provérbios, alterando uma de suas características indicadas no verbete do dicionário: mudou a *forma sucinta* dos provérbios para uma *forma prolixa*.

- ◆ No texto abaixo, o escritor Caio Fernando Abreu também faz humor com um provérbio, mas contestando a outra característica dos provérbios que o verbete indica: o uso de **imagens**. Leia:

Pense em "mais vale um pássaro na mão do que dois voando", tão irritante que, fosse conhecido o autor, eu seria o primeiro a processá-lo por danos morais e imunológicos. Vamos por partes: por que vale? Coisa mais capitalista, por que um pássaro deve valer alguma coisa? Certo, se for rouxinol ou curió, vá lá, pode-se vendê-lo a algum imperador chinês ou compositor de chorinhos, e eu pelo menos não conheço nenhum. Mas se for um reles pardal, e os outros tais voando, sempre supondo, forem um condor e uma garça? O que é que se faz com um pássaro na mão, a não ser, se você não tiver mesmo nenhum caráter, prendê-lo numa gaiola? Já com os dois voando, mesmo que sejam dois pardais nem um pouco magníficos como a garça e o condor, você pode fazer a única coisa que se deve fazer em relação aos pássaros: vê-los voar. Quanto mais longe de sua mão, melhor. Para eles, claro.

 Danos aos mecanismos de defesa do organismo (uma brincadeira do escritor).

[www.estadao-escola.com.br/eescola/pesquisa/artigos/ano 1995](http://www.estadao-escola.com.br/eescola/pesquisa/artigos/ano%201995) (acessado em 1º jun. 2001).

a. Analise as imagens no provérbio:

Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.

- *Pássaro na mão* é uma imagem para representar o quê?  
Pássaro na mão = uma vantagem real, ainda que modesta, uma coisa segura, mesmo que menos valiosa que outras só prometidas.
- *Dois pássaros voando* é uma imagem para representar o quê?  
Dois pássaros voando = vantagem desejada ou prometida, mas não segura, apenas uma hipótese, uma possibilidade.
- Conclua: qual é o sentido do provérbio? Não se deve trocar uma vantagem real, uma coisa segura, por outra que, embora parecendo melhor, mais valiosa, é apenas uma possibilidade, uma hipótese.

No texto de Caio Fernando Abreu, novamente o provérbio não é entendido a partir do seu significado global. É apresentado, um processo de interpretação literal, que pode ser um caminho perigoso para os alunos do nível de ensino em questão. Levar os alunos a uma imagem real para que possam entender a linguagem figurada pode dificultar o processo de compreensão dos provérbios que possuem uma linguagem altamente conotativa. A tentativa de decomposição pode ter um efeito indesejado.

A autora utiliza o texto com a intenção de fazer essa distinção entre linguagem real e figurada, porém não fica clara a diferença entre a construção livre, apresentada pelo texto de Caio Fernando Abreu e a expressão fixa, que é o caso do provérbio. A forma de se chegar ao significado de cada uma delas é diferente e poderia ser trabalhada, a fim de se chegar ao entendimento da unidade semântica das expressões fixas.

Figura 27: Atividade 6 LDP 7º ano – Fonte: SOARES, 2002, p. 110.

- b. O escritor Caio Fernando Abreu, discordando das imagens do provérbio, está, na verdade, discordando do próprio provérbio. Qual dos dois **antiprovérbios** abaixo expressa o pensamento dele? Escreva-o em seu caderno.

Mais vale um pássaro voando que dois na mão.

X Melhor estão os pássaros no céu que na mão.

- c. O texto de Caio Fernando Abreu é um texto de humor. Por quê?  
 Porque ele vê de forma não convencional, inesperada, um provérbio. Ou: porque ele vê o provérbio ao contrário, mostra a “mentira” que se esconde sob a “verdade” que o provérbio pretende impor.

- 3 Identifique as imagens nos dois provérbios abaixo e determine o que é que cada uma representa:

- a. Quem semeia vento colhe tempestade.

Semear vento = cometer erros, praticar más ações, prejudicar os outros.

Colher tempestade = ser castigado, sofrer consequências, pagar pelo que fez.

- b. Quem tem telhado de vidro não atira pedra no telhado do vizinho.

Ter telhado de vidro = ser culpado, ter má conduta, falhas.

Atirar pedra no telhado do vizinho = acusar, incriminar, denunciar os outros.

- 4 Escreva em seu caderno quais, entre os 17 provérbios apresentados anteriormente — 10 na p. 100 e 7 na p. 107 —, são aqueles em que o pensamento é expresso por meio de **imagens**.

Na p. 100, apenas os provérbios 1 e 6 não se expressam por imagens; na p. 107,

três provérbios se expressam por imagens: Cão que ladra... Quem vai na frente...

Muita trovoadas...

Esses exercícios procuram levar à compreensão do aspecto da lexicalização dos provérbios, e até mesmo dos fraseologismos, de modo geral, mostrando que não se pode chegar ao significado dos provérbios a partir da soma dos significados individuais de seus elementos componentes, e sim a partir do seu significado global, por se tratar de uma expressão fixa. A estratégia apresentada pela autora pode confundir os alunos, já que ocorre, nas atividades acima, uma atenção ao aspecto literal das construções, que pode dificultar o entendimento do aspecto conotativo e da lexicalização das construções fixas.

A atividade 4 mostra, também, a percepção de que há uma gradação no nível de conotatividade dos provérbios. Alguns podem ser classificados como fracamente conotativos e outros como fortemente conotativos (ricos em imagens). “Quem tudo quer tudo perde” seria um exemplo de provérbio fracamente conotativo, enquanto “Muita trovoada é sinal de pouca chuva” representa um provérbio de linguagem com maior grau de conotatividade.

**Figura 28: Atividade 7 LDP 7º ano – Fonte: SOARES, 2002, p. 147-148.**

- 5 A situação faz o homem de galochas pensar em um provérbio:

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra.

- a. Escreva em seu caderno a frase que, entre as frases abaixo, é a que expressa o significado desse provérbio:
- Os extremos se tocam.
  - Os extremos se repelem.
  - x • Nada de exageros.
  - Cada coisa a seu tempo.
- b. Para o provérbio, *mar* e *terra* se opõem. Para o homem de galochas, *galochas* e *sapatos brancos* se opõem. Por que galochas são o contrário de sapatos brancos? *Porque são usados em situações opostas: galochas para chuva, sapatos brancos para sol.*
- c. Por que a situação fez o homem de galochas se lembrar desse provérbio? *Porque tanto ele quanto o homem de sapatos brancos estavam exagerando: nem havia chuva que justificasse as galochas, nem havia sol forte que justificasse sapatos brancos.*

O provérbio “Nem tanto ao mar, nem tanto à terra” aparece contextualizado, como parte de uma crônica, intitulada “Galochas”, do autor Fernando Sabino. O texto trata de um homem, que ao perceber que estava chovendo, sai de casa usando galochas. Ao chegar ao centro da cidade, percebe que já não chove mais e que faz sol então. E ao ver passar por ele um homem usando sapatos brancos, ele pensa “Nem tanto ao mar, nem tanto à terra”.

A atividade trabalha o significado do provérbio, que pode ser inferido a partir de toda a situação vivida pelo narrador-personagem. O exercício proporciona uma reflexão sobre as imagens apresentadas pelo provérbio: ‘mar’ e ‘terra’. ‘Mar’ e ‘terra’ são tidos como opostos e

são relacionados a ‘galochas’ e ‘sapatos brancos’. A atividade sugere que galochas e sapatos brancos se opõem, o que pode ser difícil de os alunos perceberem, uma vez que os costumes são outros e não se usam mais galochas nem sapatos brancos com o mesmo fim de antigamente. Provavelmente, os alunos necessitarão de uma intervenção do professor para compreender essa relação de oposição.

No volume destinado ao 9º ano, foi encontrada apenas uma atividade. Nesse volume, as atividades se encontram na Unidade 3 – “O Homem: Lobo do homem”. Essas atividades foram elaboradas a partir de uma fábula: “O lobo e o cordeiro”. São apresentados exercícios que levam à reflexão sobre o tema e também sobre o ensinamento, sobre a moral.

**Figura 29: Significados dos provérbios LDP 9º ano – Fonte: SOARES, 110-111.**

*Vocês vão inventar e escrever, em grupo, uma fábula para os colegas, que vão ter de descobrir qual é o preceito moral que ela ilustra.*

① O professor vai dividir a turma em grupos.

◆ Cada grupo deve escolher, entre os provérbios abaixo, um para ser

#### PROVÉRBIOS

- De grão em grão a galinha enche o papo.
- Em terra de cegos, quem tem um olho é rei.
- Gato escaldado de água fria tem medo.
- Mais vale um pássaro na mão que dois voando.
- O hábito não faz o monge.
- Quem ama o feio, bonito lhe parece.

◆ Para melhor compreensão desses provérbios, vejam como eles aparecem explicados num *dicionário de provérbios*:

- **De grão em grão a galinha enche o papo.**

Significa este provérbio que não se devem negligenciar pequenas vantagens pessoais, que, acumuladas, poderão se tornar grandes.

- **Em terra de cegos, quem tem um olho é rei.**

Significa que, entre criaturas de todo ignorantes, podem brilhar ou conquistar altas posições indivíduos de pouco valor, apenas com um pouquinho mais de conhecimentos que os demais.

- **Gato escaldado de água fria tem medo.**

Este velho provérbio afirma que a lembrança de uma experiência desagradável impõe as maiores cautelas aos indivíduos, receosos sempre de novos desastres, em circunstâncias que lhes pareçam mais ou menos semelhantes.

- **Mais vale um pássaro na mão que dois voando.**

Ensina este provérbio que não se deve trocar uma vantagem real, ainda que modesta, por outra que, parecendo duas vezes maior, não é tão segura, ou não passa de simples hipótese.

- **O hábito não faz o monge.**

O provérbio tende a demonstrar que os homens não devem ser julgados apenas por sua aparência exterior, mas por seus atos, ou por sua conduta.

- **Quem ama o feio, bonito lhe parece.**

O amor transfigura aos nossos olhos as pessoas que são objeto das nossas afeições.

Raimundo Magalhães Jr. *Dicionário de provérbios, locuções, curiosidades verbais, frases feitas, etimologias pitorescas, citações*. Rio de Janeiro: Ediouro. [s.d.].

**Figura 30: Atividade 1 LDP 9º ano – Fonte: SOARES, 2002, p. 111.**

② Em conjunto, o grupo deve:

- ◆ Inventar uma fábula que possa ter o provérbio escolhido como preceito moral, discutindo que animais serão os personagens, onde e quando se passará a história, quais serão as ações e os acontecimentos, qual será o desfecho.
- ◆ Escrever a fábula, cada um sugerindo frases, falas dos personagens, etc.; um dos elementos do grupo deve ser o *escriba* — aquele que vai escrever a fábula, seguindo as decisões do grupo.

- 3 Cada grupo lê oralmente sua fábula para o professor e a turma; os outros grupos devem descobrir qual é o preceito moral entre os provérbios indicados na questão 1.

Se a turma tiver dificuldade em descobrir qual é o preceito moral, discutam com a orientação do professor:

- ◆ O provérbio escolhido está inadequado à fábula? Por quê?
- ◆ Que modificações deveriam ser feitas na fábula, para que se tornasse adequada ao provérbio escolhido? Ou que outro preceito moral seria adequado à fábula?

Interessante observar que, ao contrário de Caio Fernando Abreu, no texto apresentado no volume do 7º ano da mesma coleção, Raimundo Magalhães Jr. apresenta o significado real do provérbio.

A partir, então, da leitura e compreensão dos provérbios e seus significados, extraídos de um dicionário especializado, o *Dicionário de provérbios, locuções, curiosidades verbais, frases feitas, etimologias pitorescas*, os alunos deveriam criar uma fábula, em que a moral seria um desses provérbios apresentados. Essa atividade leva à ideia de que os provérbios representam ensinamentos, condutas, passadas de geração em geração. Mostra, também, a capacidade do provérbio de condensar, em poucas palavras, esses ensinamentos, com uma linguagem muitas vezes poética.

Alguns dos provérbios utilizados nessa atividade talvez sejam de maior conhecimento dos jovens, outros menos usuais. O provérbio “Mais vale um pássaro na mão que dois voando”, por exemplo, é um provérbio de grande frequência de uso no Brasil. Em sua maioria, os enunciados utilizados nessa atividade são ricos em imagens, ou seja, são provérbios que apresentam linguagem conotativa. Não há arcaísmos, sendo a linguagem utilizada bastante contemporânea, embora em “Gato escaldado de água fria tem medo” haver uma inversão dos elementos. A forma “Gato escaldado tem medo de água fria” é mais frequente.

A atividade sugerida é para ser realizada em grupo. Os provérbios apresentados são explicados por um dicionário de provérbios, apesar de não parecer necessário, uma vez que se trata de uma atividade destinada a alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. O fato de aparecer uma referência a um dicionário especializado torna as explicações mais coerentes, já que é importante que os alunos saibam da existência de um dicionário de provérbios. Os

provérbios, nessa atividade, são fortemente conotativos, com exceção de “Quem ama o feio, bonito lhe parece”.

As explicações para os provérbios são bastante generalizadas para que estes possam ser aplicados a diversas situações. O provérbio, na atividade, constitui a moral da história, em uma fábula, a ser produzida pelos próprios alunos. Os exercícios dão ênfase à questão do sentido dos provérbios e às situações de uso. Ainda fortalece a ideia de que um provérbio pode resumir todo um texto. O provérbio, como a própria coleção afirma, ilustra a fábula. O gênero fábula está muito presente nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Nessa atividade, a fábula deve ser produzida, levando-se em conta a utilização do provérbio.

A socialização do texto e a tentativa de adivinhação propostas reforçam a compreensão e mostram, mais uma vez, que um mesmo provérbio pode ser utilizado em diferentes situações discursivas. A discussão sobre a adequação ou inadequação dos provérbios escolhidos é, também, uma oportunidade de conhecimento.

### **3.3. Propostas de atividades**

Seguem-se abaixo alguns exemplos de atividades que poderiam ser aplicadas a alunos do Ensino Fundamental II, as quais, partindo ou não do mesmo tema trabalhado no livro didático, contribuiriam para uma ampla reflexão sobre variados aspectos dos provérbios.

Faz-se necessário saber que as atividades aqui propostas têm por objetivo apenas o desenvolvimento de questões referentes a provérbios e ao desenvolvimento da competência lexical, não deixando de se fazer importante o trabalho com possíveis questões de interpretação de texto e outros aspectos linguísticos a serem desenvolvidos a partir dos textos apresentados. Este trabalho se restringe apenas à questão do ensino do léxico, mais especificamente ao trabalho com provérbios.

## Atividade 1

A atividade 1, que poderia ser aplicada a alunos do 6º ano, tem o objetivo de levá-los a compreender aspectos sobre a situação de uso dos provérbios e o seu poder de concisão, podendo resumir todo um texto. Além disso, trabalha questões relacionadas à sinonímia, podendo se tornar uma boa oportunidade de ampliação do repertório lexical. A pesquisa é, também, uma oportunidade de conhecer e estar em contato com parte do folclore, dos costumes e da cultura de um grupo. O trabalho com provérbios pode aproximar os estudos linguísticos e o conhecimento de mundo, envolvendo a família e a comunidade, tornando, assim, o ensino de Língua Portuguesa mais atrativo e interessante.

Leia, com atenção, o texto abaixo:

### A lebre e a tartaruga

A lebre vivia a se gabar de que era o mais veloz de todos os animais. Até o dia em que encontrou a tartaruga.

– Eu tenho certeza de que, se apostarmos uma corrida, serei a vencedora – desafiou a tartaruga.

A lebre caiu na gargalhada.

– Uma corrida? Eu e você? Essa é boa!

– Por acaso você está com medo de perder? – perguntou a tartaruga.

– É mais fácil um leão cacarejar do que eu perder uma corrida para você – respondeu a lebre.

No dia seguinte a raposa foi escolhida para ser a juíza da prova. Bastou dar o sinal da largada para a lebre disparar na frente a toda velocidade. A tartaruga não se abalou e continuou na disputa. A lebre estava tão certa da vitória que resolveu tirar uma soneca.

“Se aquela molenga passar na minha frente, é só correr um pouco que eu a ultrapasso” – pensou.

A lebre dormiu tanto que não percebeu quando a tartaruga, em sua marcha vagarosa e constante, passou. Quando acordou, continuou a correr com ares de vencedora. Mas, para sua surpresa, a tartaruga, que não descansara um só minuto, cruzou a linha de chegada em primeiro lugar.

Desse dia em diante, a lebre tornou-se o alvo das chacotas da floresta.

Quando dizia que era o animal mais veloz, todos lembravam-na de uma certa tartaruga...

1- Qual dos provérbios abaixo não poderia aparecer como moral da história na fábula “A lebre e a tartaruga”?

- ( ) A pressa é inimiga da perfeição
- ( ) Devagar se vai ao longe
- ( ) Um dia da caça, outro do caçador
- ( ) Devagar e sempre

2- Como você pôde observar, alguns provérbios possuem sinônimos, ou seja, possuem o mesmo significado. Tente descobrir os pares de provérbios sinônimos, numerando a 2ª coluna de acordo com a 1ª:

- 1- Filho de peixe peixinho é.
- 2- Nem tudo que reluz é ouro.
- 3- De grão em grão a galinha enche o papo.
- 4- Pelos dedos se conhece o gigante.
- 5- Muita trovoada é sinal de pouca chuva.

- ( ) De raminho em raminho o passarinho faz seu ninho.
- ( ) Tal pai, tal filho.
- ( ) Cão que ladra não morde.
- ( ) As aparências enganam.
- ( ) Pela árvore se conhece a semente.

3- Pesquisa:

Em casa, pergunte aos pais, tios, avós ou vizinhos se eles conhecem alguns provérbios.

Anote-os em seu caderno. Tente imaginar situações em que os provérbios pesquisados poderiam ser empregados. Em sala, cada aluno apresenta os provérbios encontrados aos colegas.

## Atividade 2

A atividade 2 leva à reflexão sobre o caráter de verdade dos provérbios, mostrando que eles são suscetíveis a contestações, mostrando que, até mesmo, um provérbio pode contradizer o que é defendido por outro (antonímia). Evidencia também a questão do grau de conotatividade da linguagem utilizada nos provérbios, mostrando que grande parte deles possui uma linguagem fortemente conotativa. Esta atividade, adequada a alunos do 7º ano, é um exemplo de como podemos explorar tais aspectos dos provérbios.

Leia a tirinha a seguir:

**Figura 31: Tirinha Turma da Mônica 1** Fonte: Portal da Turma da Mônica Disponível em <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira188.htm> acesso em fevereiro de 2013.



1- Na tirinha, a personagem Mônica utiliza um provérbio “Quem cala, consente”. O que quer dizer esse provérbio? Explique com suas palavras.

2- Os provérbios possuem um valor de verdade. Ao se utilizar um provérbio, ele parece incontestável. Observando a tirinha, responda:

a) Quem cala realmente consente?

- b) Esse provérbio constitui uma verdade absoluta ou pode ter sua verdade contestada? Justifique, apresentando um exemplo.

3- Teste a verdade dos provérbios abaixo, registrando uma situação em que eles poderiam ser falsos:

- Pau que nasce torto morre torto.
- Gato escaldado tem medo de água fria.

4- Alguns provérbios contradizem outros. Tente encontrar os pares de provérbios antônimos:

Pelo dedo se conhece o gigante.

Antes só do que mal acompanhado.

Ruim com ele, pior sem ele.

Conheço o pau pela casca.

Quem vê cara não vê coração.

As aparências enganam.

5- Observe que os provérbios acima possuem linguagem fortemente figurada ou fortemente conotativa. Alguns provérbios possuem a linguagem mais próxima da linguagem real ou denotativa, podemos dizer que possuem uma linguagem fracamente conotativa.

a) Indique com os sinais (+) e (-) quais provérbios abaixo apresentam linguagem fortemente conotativa (+) e quais possuem linguagem fracamente conotativa (-):

- ( ) Mais vale um pássaro na mão que dois voando.
- ( ) Em cavalo dado não se olham os dentes.
- ( ) Faça o que eu digo, não faça o que eu faço.
- ( ) Não se fazem omeletes sem quebrar os ovos.

b) Escolha um dos provérbios acima, imagine uma situação em que ele poderia ser empregado e registre em seu caderno.

### Atividade 3

A atividade 3 foi pensada para alunos do 8º ano, em que é utilizado um texto literário e, a partir dele, podem-se retirar informações sobre situações de uso dos provérbios e intenção discursiva. Fica evidente que o provérbio é uma ferramenta discursiva. É trabalhada, novamente, a questão da sinonímia e os fins para os quais podemos utilizar os provérbios.

Leia o trecho abaixo, retirado do livro de memórias “Por parte de pai”, do autor Bartolomeu Campos Queirós:

#### Por parte de pai

[...]

Galinha me parecia uma ave prudente, mas Jeremias não deve ter feito nada para se defender. Ele não esperava por isso, tinha certeza. Meu avô só conseguiu pegá-lo chegando pelo seu lado cego. Isso era uma covardia. E o mundo só acabou mesmo para Jeremias, o resto continuou no mesmo lugar, sem castigo. Em silêncio, meu avô devolveu o terno ao guarda-roupa.

Conceição me confirmou a inteligência das galinhas. No chuveiro, debaixo da caixa d'água, vivia uma galinha aperreada, chocando. Quando Conceição ia tomar banho cobria a ave com uma bacia de alumínio. Não podia ser sem motivo a sua vergonha. Conceição se casou um dia com meu pai. Isso foi depois da morte de minha mãe. Ela morreu de uma doença comprida e gemia no fundo do sonho da gente. Choveu muito, no dia do enterro. Quando chove, é porque a alma foi aceita no céu. Deus manda a chuva para fazer brotar a plantação, me contaram. Minha mãe deixou o olho de vidro de seu pai. Ela guardava o olhar fixo com tanto zelo e agora estava sem dono. Minha mãe ia gostar muito do Jeremias quase tanto quanto gostava do seu pai. Meu avô morreu por amor e seu corpo foi encontrado dias depois, na hora do crepúsculo. O olho de vidro indicou a origem dos restos. Era preciso apreender a desamarrar os nós, mesmo não trabalhando na fábrica de tecidos.

Lembro-me quando vi o meu pai dar um beijo na Conceição, perto do guarda-comida, na cozinha. Era um armário com tela igual prisão. As comidas ficavam presas e os mosquitos livres do lado de fora. Foi um beijo depressa e assustado. Conteí para meu avô e ele me pediu

segredo. “Quem fala muito, dá bom-dia a cavalo”, afirmou. Fiquei na maior vontade de encontrar um cavalo para cumprimentar.

[...]

QUEIRÓS, Bartolomeu. Por parte de pai.

Belo Horizonte: RHJ, 1995. (30-32)

1- Ao revelar o fato do beijo ao avô, o menino recebe o provérbio “Quem fala muito, dá bom-dia a cavalo” como resposta.

- a) Você considera que esse provérbio foi empregado adequadamente pelo avô? Justifique.
- b) Qual seria a intenção do avô, ao utilizar o provérbio?
- c) Você acredita que o menino tenha compreendido o provérbio? Por quê?

2- Há provérbios que são sinônimos, ou seja, possuem o mesmo significado. Dos provérbios abaixo, indique quais seriam sinônimos para “Quem fala muito, dá bom dia a cavalo”?

- Em boca fechada não entra mosca.
- Quem cala consente.
- Se a palavra vale prata, o silêncio vale ouro.

3- Que significado eles possuem em comum?

4- Os provérbios podem ter vários objetivos, como ensinar, aconselhar, advertir, consolar. No texto “Por parte de pai” qual a intenção do emprego do provérbio “Quem fala muito, dá bom-dia a cavalo”? Justifique.

#### Atividade 4

A atividade 4 pode também ser destinada a alunos do 8º ano. Ela apresenta o provérbio como um enunciado que pode ilustrar e resumir toda uma situação ou todo um texto, além de trabalhar a interpretação do significado e o grau de conotatividade.

Leia a tirinha a seguir:

**Figura 32: Tirinha Turma da Mônica 2** Fonte: Portal da Turma da Mônica Disponível em <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira187.htm> acesso em fevereiro de 2013.



1- a) Qual dos provérbios abaixo melhor ilustra os quadrinhos?

- Cada cabeça uma sentença.
- Faça o que eu digo, não faça o que eu faço.
- Antes só do que mal acompanhado.
- Pau que nasce torto morre torto.

b) Justifique sua escolha, relacionando a tirinha ao significado do provérbio escolhido.

c) O provérbio escolhido poderia ser classificado como fortemente ou fracamente conotativo?

## Atividade 5

Na atividade 5, que poderia ser destinada a alunos do 9º ano, o provérbio, seja na sua forma original ou alterada, é apresentado como uma ferramenta persuasiva no discurso publicitário. É proposta uma produção de texto em que se deve utilizar o provérbio como parte da argumentação.

Os provérbios possuem um alto valor persuasivo e são utilizados em anúncios publicitários na sua forma original ou, por um processo de remissão, são induzidos à lembrança a partir de construções que se lhes assemelham. Na busca de uma maior expressividade que envolva os consumidores, os anúncios publicitários utilizam uma linguagem extremamente dinâmica e rica em recursos linguísticos, como salienta Ferraz (2010, p. 258):

... linguagem publicitária, fortemente caracterizada pela dinamicidade do léxico, sente-se permanentemente impulsionada a renovar-se, não apenas para nomear mercadorias, mas sobretudo por tecer enunciados cheios de apelos estilísticos que procuram divertir, motivar, seduzir, fazer sonhar, excitar ou entusiasmar.

Essas características do texto publicitário fazem com que ele se torne ainda mais indispensável em sala de aula. Ferraz (2010, p. 258) acrescenta:

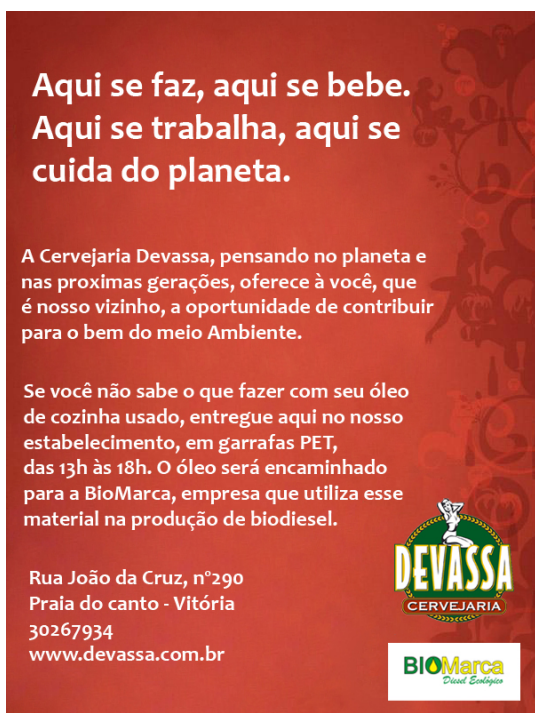
... a linguagem da publicidade tem sido uma força extraordinária a incidir sobre a língua portuguesa, no sentido de forçar uma contínua transformação linguística, com reflexos em vários aspectos da língua e, com especial destaque, no campo lexical.”

Os anúncios publicitários das atividades a seguir trazem exemplos dessa linguagem publicitária que apresenta transformações linguísticas no campo lexical. Os textos mostram construções livres, que parafraseiam provérbios, como em “Aqui se faz, aqui se bebe”, que induz o leitor a uma lembrança do provérbio “Aqui se faz, aqui se paga” e mostra, também, exemplo da utilização do provérbio em sua forma original, como em “Tal pai, tal filho”. A utilização de provérbios ou mesmo das paráfrases em anúncios publicitários mostra a força

dos provérbios em textos de circulação. Os provérbios são recursos linguísticos presentes nesses textos, lembrando que o seu conhecimento prévio por parte dos leitores/consumidores é essencial para o entendimento desses anúncios.

Observe:

Texto 1



**Aqui se faz, aqui se bebe.  
Aqui se trabalha, aqui se cuida do planeta.**

A Cervejaria Devassa, pensando no planeta e nas próximas gerações, oferece à você, que é nosso vizinho, a oportunidade de contribuir para o bem do meio Ambiente.

Se você não sabe o que fazer com seu óleo de cozinha usado, entregue aqui no nosso estabelecimento, em garrafas PET, das 13h às 18h. O óleo será encaminhado para a BioMarca, empresa que utiliza esse material na produção de biodiesel.

Rua João da Cruz, nº290  
Praia do canto - Vitória  
30267934  
www.devassa.com.br

**DEVASSA**  
CERVEJARIA

**BIO**Marca  
Diesel Ecológico

Disponível em:  
<http://devassavitoria.wordpress.com/page/13/>

Texto 2



**PROMOÇÃO**

**Tal Pai**

**Tal Filho**

2012

**MARINGÁ**  
FM 97.1

**Marcos & Belutti**

Você e seu pai, podem ganhar um  
TABLET e um NOTEBOOK!

PARTICIPE!

Disponível em: <http://www.maringafm.com.br/promocoesDetalhes.asp?cod=158>

No texto 1, o provérbio “Aqui se faz, aqui se paga” foi induzido à lembrança do leitor/consumidor, para que o objetivo do anúncio fosse atingido. Trata-se de uma cervejaria em que é fabricada a cerveja e onde os clientes podem também apreciá-la, por isso “Aqui se faz, aqui se bebe”.

No texto 2, o provérbio “Tal pai, tal filho” é utilizado em sua forma original. Trata-se de uma promoção que contempla pai e filho com um notebook.

1- Em grupo, você e seus colegas deverão pensar em um produto ou em uma empresa do seu bairro ou cidade que deverá ser anunciado. Vocês irão produzir o anúncio publicitário do produto ou da empresa, utilizando os recursos linguísticos referentes ao gênero e escolherão um provérbio para auxiliar nos argumentos do texto. O provérbio poderá ser apresentado em sua forma original ou com modificações. Abaixo, encontram-se sugestões de provérbios que podem ser utilizados.

- É de pequenino que se torce o pepino.
- Cabeça vazia, oficina do diabo.
- Em terra de cego, quem tem um olho é rei.
- Quem tem boca vai a Roma.
- Quem não arrisca não petisca.
- Quem não tem cão caça com gato.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Língua Portuguesa passa, ainda, por um processo de mudanças e adequações. Podemos observar que as práticas de ensino em sala de aula não contemplam, satisfatoriamente, um ensino que vê a língua com o seu dinamismo. Ainda não há, em grande parte das escolas, uma visão da língua como discurso e um ensino voltado para as práticas de compreensão e produção textual nas modalidades oral e escrita da língua.

O ensino do léxico passa, também, por um momento de mudanças positivas e significativas de reconhecimento de sua importância. A mudança inicia-se pelo reconhecimento do léxico, desconhecido por muitos, inclusive professores de Língua Portuguesa. Aos poucos, o léxico vai ganhando espaço e a importância do seu estudo vai sendo reconhecida.

Infelizmente, podemos dizer que há muito a se fazer para que as práticas em sala de aula aconteçam de forma adequada. Alguns materiais didáticos de Língua Portuguesa já incluem atividades voltadas para o trabalho com o léxico, mas observamos que são ainda poucos. Além disso, grande parte dos professores não tem in(formação) adequada em relação ao léxico. Ainda são poucas as universidades que oferecem disciplinas voltadas para as ciências do léxico nos cursos de licenciatura.

Os provérbios, como parte do léxico que são, não têm o reconhecimento devido no estudo da língua, assim como os demais fraseologismos. O trabalho com as unidades léxicas complexas é tão importante quanto o trabalho com as unidades léxicas simples. Mas para que o ensino dessas unidades possa se dar de forma adequada, primeiramente é necessário que o ensino do léxico deixe de ser confundido com o ensino de vocabulário.

O ensino do léxico é apresentado a partir de listas de palavras com as quais são trabalhadas questões referentes à sinonímia e antonímia apenas. O desenvolvimento da competência lexical não é uma realidade nas práticas pedagógicas de grande parte das escolas brasileiras. O que poderia ser um rico estudo sobre as palavras da língua e suas regras que as envolvem é, na verdade, um ensino restrito, reduzido, assim como o ensino de Língua Portuguesa, que ainda se resume ao ensino da gramática.

Os livros didáticos, em sua maioria, não incluem atividades envolvendo provérbios, como pudemos observar a partir do Guia PNLD 2011. A coleção *Português: uma proposta para o letramento* é uma exceção. A coleção traz, em dois dos seus quatro volumes, destinados aos quatro últimos anos do Ensino Fundamental, atividades envolvendo provérbios. As atividades levam em conta aspectos importantes como o grau de

conotatividade dos provérbios. A escolha lexical é também feita preocupando-se com o público a que se destina o material. Considerando que, na maioria das escolas, o livro didático é o único material disponível em sala de aula, torna-se de extrema importância que ele procure se adequar da melhor forma possível para que atenda grande parte dos aspectos essenciais do estudo da língua.

E reconhecendo a dificuldade em se produzir uma coleção que atenda, de forma satisfatória, a todos os aspectos do estudo da língua, podemos afirmar que, apesar de certas inadequações, a coleção *Português: uma proposta para o letramento*, de Magda Soares, demonstra uma preocupação com o estudo dos provérbios, explorando aspectos importantes, que levam ao desenvolvimento da competência lexical. Podemos concluir, também, que a coleção representa bem o processo de transformação pelo qual passam tanto o ensino de Língua Portuguesa quanto o ensino do léxico no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português – encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. (Estratégias de ensino; 5)

ANTUNES, Irandé. *O território das palavras: estudo do léxico na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. A avaliação dos livros didáticos: para entender o programa nacional do livro didático (PNLD). In: ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 2003. p. 25-67. (Coleção As Faces da Linguística Aplicada)

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; ROJO, Roxane; ZÚÑIGA, Nora Cabrera. Produzindo livros didáticos em tempo de mudança (1999-2002). In: COSTA VAL, Maria da Graça; MARCUSCHI, Beth (orgs). *Livros didáticos de Língua Portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte, Ceale; Autêntica, 2005. p. 47-62.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Leitura e escrita: condições para aquisição de vocabulário*. In: Intercâmbio. PUCSP; 1999; VIII; 169; 178, Português; 1413-4055. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/4034/> acesso em fevereiro de 2013.

BRAGANÇA JR., Álvaro Alfredo. *Considerações acerca da fraseologia, sua conceituação e aplicabilidade na Idade Média*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999. Disponível em [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5\(13\)41-53.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5(13)41-53.html) acesso em fevereiro de 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: formando leitores críticos. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (orgs). *Língua Portuguesa: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino, V.19) p. 85-106.

CORPAS PASTOR, Glória. *Manual de fraseología española*. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

CORREIA, Margarita. Produtividade lexical e ensino da língua. In: VALENTE, André C.; PEREIRA, Maria Teresa G. (orgs). *Língua Portuguesa: descrição e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 223-236.

CURRÍCULO BÁSICO COMUM. Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais, 2005.

EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO. 2º dia, caderno cinza. Ministério da Educação/INEP, 2012.

FERRAZ, Aderlande Pereira. Publicidade: a linguagem da inovação lexical. In: ALVES, Ieda Maria (org). *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 251-275.

FERRAZ, Aderlande Pereira. Inovação lexical e dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 219-234.

GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS: PNLD 2011: Apresentação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS: PNLD 2011: Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

HENRIQUES, Cláudio César. Lexicologia Aplicada: algumas contribuições didáticas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2010.

ILARI, Rodolfo; CUNHA LIMA, Maria Luiza. Algumas ideias avulsas sobre a aquisição do léxico. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (orgs). *Dicionários escolares: políticas, formas & usos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 13-35.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Saul. *Panorama Folclórico*. Belo Horizonte: SESC/MG, 2004.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida; GAVASSI, Sigrid (orgs). *Da língua ao discurso. Reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

QUEIRÓS, Bartolomeu. *Por parte de pai*. Belo Horizonte: RHJ, 1995

RANGEL, Egon de Oliveira; BAGNO, Marcos. *Dicionários em sala de aula*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2009.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Apresentação – Cultura da escrita e livro escolar: propostas para o letramento das camadas populares no Brasil. In: ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 2003. (Coleção As Faces da Linguística Aplicada) p. 07-24.

SOARES, Magda. Concepções de linguagem e ensino da Língua Portuguesa. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org). *Língua Portuguesa: História, Perspectivas, Ensino*. São Paulo: EDUC, 1998. p. 53-60.

SOARES, Magda. *Português: uma proposta para o letramento*. São Paulo: Moderna, 2002.

SUCCI, Thaís Marini. *Os provérbios relativos aos sete pecados capitais*. 152f. Dissertação – UESP. São José do Rio Preto, 2006.

VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmiento. *Coletânea de provérbios e outras expressões populares brasileiras*. Brasília, 1996. Disponível em <http://www.deproverbio.com/display.php?a=4&f=DPbooks&r=VELLASCO/COLETANEA.html>

XATARA, Cláudia Maria; SUCCI, Thaís Marini. *Revisitando o conceito de provérbio*. Juiz de Fora: Veredas on line Atemática, 2008. <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo31.pdf>

ZAVAGLIA, Cláudia. Quem tem boca vai a Roma: as cores dos provérbios. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (orgs). *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, Terminologia* volume V. 1 ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2010. p. 219-235.